Raisa Ariane Bonani
Maria do Carmo Monteiro Kobayashi




# Propostas de Criação em Arte-Educação-Ambiental

Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"
UNESP - Bauru

Raisa Ariane Bonani
Maria do Carmo Monteiro Kobayashi

# BIO-ARTE

## Propostas de Criação em Arte-Educação-Ambiental

E-book desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Docência para a Educação Básica (Mestrado Profissional), pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - UNESP - Bauru
2026

Bonani, Raisa Ariane
BIO-ARTE: Propostas de Criação em Arte-Educação-Ambiental / Raisa Ariane Bonani. -- Bauru, 2026
145 p.

ISBN 978-65-86498-70-7

Produto educacional (e-book) elaborado como parte das exigências do Mestrado Profissional em Docência para Educação Básica da Faculdade de Ciências, UNESP, Bauru.

1. Arte-educação. 2. Educação Ambiental Crítica. 3. Mediação Pedagógica. I. Título.

# Apresentação técnica

ELABORAÇÃO
Raisa Ariane Bonani

SUPERVISÃO
Maria do Carmo Monteiro Kobayashi

REALIZAÇÃO
UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
Programa de Mestrado Profissional em Docência para Educação Básica
Departamento de Educação/FC
Av. Engenheiro Luiz Edumundo Carrijo Coube, Vargem Limpa - Bauru/SP
Site: www.fc.unesp.br

RECURSOS
CANVA EDUCATION
Site: canva.com

Ilustração - Pincel Bio-Arte: Giovanna Adriana Bonani

# Sobre a Autora:
# Raisa Ariane Bonani


Fonte: arquivo da autora.

É licenciada em Educação Artística com habilitação em Artes Plásticas, pela UNESP - Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Campus de Bauru (2012) e mestranda no Programa de Pós-Graduação em Docência para Educação Básica, também pela UNESP. Professora de Educação Básica/Fundamental - Arte, no sistema municipal de ensino de Bauru - SP, atualmente é titular no cargo de Supervisora de Arte no Ensino Fundamental, junto à Secretaria Municipal da Educação de Bauru.

# Sobre a Autora:
# Maria do Carmo Monteiro Kobayashi


Fonte: arquivo da autora.

É Livre-Docente em Ensino de Arte: Linguagens da Criança pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - UNESP. Docente do Programa de Pós-Graduação em Docência para a Educação Básica, na Faculdade de Ciências da UNESP - Bauru. Realiza estudos na área da formação inicial e continuada de professores de Educação Básica. Atuando, principalmente, nas Linguagens da Arte e Educação na Educação Infantil; Ensino Fundamental; Ensino e aprendizagem; Ludicidade e Arte; Cultura lúdica dos imigrantes japoneses. Com aprofundamento no campo da Arte e objetos lúdicos: jogos, brinquedos, literatura infantil e arte nos anos inicias da Educação Básica.

# Sumário

## Parte I - Aos Educadores


Arte-Educação-Ambiental: criando conexões para um mundo melhor 08

A Abordagem Triangular e a arte-educação 09

Os Projetos de Trabalho, a investigação e a criatividade 11

Orientações e sugestões 12


## Parte II - Aos Estudantes


Tema-problema - Nosso espaço: planeta Terra 20

Tema-problema - A exploração da Terra: o progresso e a destruição 34

Tema-problema - Nossa história: destruição e preservação 48

Tema-problema - Vida terrestre: flora 66

Tema-problema - Vida terrestre: fauna 82

Tema-problema - Vida terrestre: água potável 96

Tema-problema - Vida terrestre: resíduos sólidos 111

Refletindo e criando 132

**Referências** 144

# PARTE I

# Aos Educadores

# Arte-Educação-Ambiental: criando conexões para um mundo melhor

Caro(a) educador(a),

Para além dos aprendizados dos saberes necessários ao ensino formal devemos inspirar novos olhares e cultivar relações significativas com o mundo ao nosso redor. Unir arte-educação e educação ambiental é justamente isso: uma oportunidade de conectar os estudantes ao meio ambiente por meio da sensibilidade, da criatividade e da reflexão crítica.

As Artes Visuais nos convidam a enxergar além do visível. Já a educação ambiental nos instiga a entender o equilíbrio e a delicadeza da natureza, a reconhecer que cada folha caída, cada gota de água ou cada pedaço de solo carrega histórias e saberes essenciais. Quando esses dois campos se encontram, nasce um território fértil no qual os nossos estudantes podem se expressar e repensar as suas relações com o planeta de maneira lúdica, profunda, crítica e transformadora.

Neste e-book, propomos justamente esse encontro: trazer as Artes Visuais para as discussões sobre meio ambiente e sustentabilidade, criando experiências que integrem sentir, pensar e agir. O caminho que você encontrará aqui está fundamentado em duas referências: a Abordagem Triangular, proposta por Ana Mae Barbosa, e os Projetos de Trabalho, de Fernando Hernández. Dessa forma, priorizamos o protagonismo dos estudantes, o diálogo com a realidade e a criação de sentidos próprios para o aprendizado.

Ao longo desse material, você terá à disposição 7 seções com temas-problema que servirão como ponto de partida para as investigações, instigando a curiosidade e o pensamento crítico das crianças, conectando as práticas artísticas às reflexões ambientais. Ao final, uma seção auxiliará na composição de uma obra artística autoral, resultado dos estudos feitos durante todo o processo.

Este material é um convite para transformar a sala de aula em um espa-

ço vivo de investigação, onde a arte e a natureza caminham lado a lado, despertando nos estudantes o prazer em aprender e o desejo de cuidar do mundo em que vivem.

## A Abordagem Triangular e a arte-educação

Quando falamos em ensino de arte no Brasil, é impossível não lembrar de Ana Mae Barbosa, uma das figuras mais influentes na história da arte-educação no nosso país. Ana Mae é professora, pesquisadora e referência nacional e internacional no ensino da arte. Com seu trabalho inovador, ajudou a transformar a visão de muitos educadores sobre o papel das artes na formação de crianças, jovens, adultos e idosos.

Nascida no Rio de Janeiro, Ana Mae dedicou boa parte da sua vida a defender que a arte deve ser acessível a todos, e que ela vai muito além da técnica: é uma forma de pensamento, uma linguagem para compreender e interpretar o mundo. Suas ideias foram revolucionárias principalmente na década de 1980, quando o ensino de arte ainda era frequentemente tratado como uma atividade apenas recreativa ou técnica. Ana Mae, ao contrário, via a arte como um campo poderoso de conhecimento, capaz de desenvolver no estudante o pensamento crítico, a sensibilidade e a autonomia.

E foi a partir dessa visão que ela elaborou a Abordagem Triangular, que se tornou uma referência no ensino da arte.

### O que é a Abordagem Triangular?

A Abordagem Triangular propõe que o ensino da arte deve ser estruturado em três pilares principais que se complementam e se enriquecem mutua-mente: Apreciação, Contextualização e Fazer Artístico.

Vamos entender cada um deles?

#### Apreciação

Este pilar refere-se à observação das obras de arte. Os estudantes devem ser convidados a observar, analisar e conversar sobre diferentes

produções artísticas, sejam pinturas, esculturas, fotografias ou expressões visuais populares e contemporâneas. O objetivo não é apenas admirar, mas aprender a interpretar e a perceber detalhes, sentidos e intenções expressas pelas obras.

**Contextualização**

Nenhuma obra de arte nasce isolada, ela faz parte de um tempo, de uma cultura, de um contexto histórico e social. Nesse pilar, o educador conduz os estudantes a investigar o "mundo" da obra: quem a criou? Em que época? Quais eram as questões da sociedade naquele momento? A partir disso, os estudantes ampliam sua compreensão sobre arte e sobre a realidade que os cerca.

**Fazer Artístico**

É o momento da criação. Os estudantes devem experimentar materiais, técnicas e ideias, produzindo as suas próprias obras. Aqui, mais importante do que o "resultado final" é o processo de criação, o qual a criança explora, inventa e se expressa, conectando os aprendizados à sua vivência.

**Por que essa abordagem é tão importante para esse e-book?**

Porque a Abordagem Triangular nos ajuda a construir um percurso de aprendizagem completo e significativo. Ao integrar apreciação, contextualização e fazer artístico, o estudante não apenas faz arte, mas entende a arte e a relaciona com a sua realidade e o seu entorno.

No caso deste e-book, ela será a base para propor atividades que envolvam tanto o olhar atento para as obras e artistas quanto a reflexão sobre a natureza e o meio ambiente. A cada tema-problema que você encontrará nas próximas seções, vamos transitar por esses três momentos, sempre conectando a educação ambiental, ao universo sensível das Artes Visuais e à capacidade investigativa dos estudantes. Dessa maneira, as atividades se tornarão mais dinâmicas, ricas e transformadoras, permitindo que cada criança seja autora de seu próprio percurso criativo.

# Os Projetos de Trabalho, a investigação e a criatividade

Outra base importante para este e-book vem das ideias do educador e pesquisador espanhol Fernando Hernández, que se destacou por suas contribuições ao ensino por meio da concepção dos Projetos de Trabalho. Assim como Ana Mae Barbosa, Hernández também defende uma prática educativa que valorize o estudante como protagonista do próprio aprendizado, alguém que questiona, pesquisa e constrói o conhecimento de maneira ativa.

Fernando Hernández compreende a escola como um espaço de transformação social e cultural, onde o conhecimento deve nascer de situações reais e significativas para os estudantes. Por isso, sua proposta de ensino vai além de conteúdos fechados ou de atividades pontuais: ele propõe que o aprendizado seja construído a partir de problemas e temas investigativos escolhidos de acordo com o interesse da turma e conectados com a vida cotidiana.

## O que são Projetos de Trabalho?

Os Projetos de Trabalho são uma maneira de organizar o processo de ensino e de aprendizagem a partir de investigações. Ao invés de apresentar respostas prontas, o educador propõe uma questão ou um tema-problema que desafia a turma a pesquisar, refletir e criar possíveis soluções ou interpretações.

Nesse processo, os estudantes passam por diferentes etapas:

- **Escolha de um tema-problema:** algo que desperte curiosidade e que dialogue com a realidade dos alunos. No caso deste e-book, os temas estão diretamente ligados à relação entre arte e meio ambiente.

- **Levantamento de hipóteses e problemas:** o que já sabemos sobre isso? O que queremos descobrir?

- **Pesquisa e exploração:** por meio de diferentes fontes (obras de arte, entrevistas, vídeos, visitas, etc.).

- **Criação e compartilhamento:** os alunos criam produtos finais (nesse caso, obras artísticas que serão compartilhadas expostas ou apresentadas) proporcionando a materialização do conhecimento construído ao longo do projeto.

**Como os Projetos de Trabalho dialogam com a arte-educação e a educação ambiental?**

Essa concepção de educação nos ajuda a tornar as experiências mais autênticas e significativas, pois parte da curiosidade genuína das crianças e amplia sua autonomia no processo de aprender. Quando o ensino se organiza a partir de projetos, as atividades deixam de ser isoladas e passam a ter um fio condutor, um percurso investigativo que envolve e motiva.

Ao longo desse material, você encontrará seções organizadas em torno de temas-problema que dialogam diretamente com as questões ambientais e as práticas artísticas. A ideia é que cada tema seja o ponto de partida para uma série de descobertas e produções que conectem o olhar estético com a responsabilidade socioambiental.

A união entre a Abordagem Triangular e os Projetos de Trabalho oferece uma estrutura crítica e criativa: enquanto a primeira traz o olhar para a arte e o processo criativo, a segunda convida o estudante a investigar o mundo e a agir sobre ele. Assim, cada proposta que você encontrará no decorrer das páginas, estará ancorada em uma prática que articula a pesquisa, a reflexão e a criação, sempre com foco em despertar a sensibilidade e o pensamento crítico dos estudantes em relação ao meio ambiente.

## Orientações e sugestões

Esse e-book foi pensado para ser um material didático que ajudará a transformar a sala de aula em um espaço vivo de investigação, criação e reflexão. Nossa proposta é que você possa, junto com os estudantes, explorar o universo da arte e da educação ambiental de forma integrada, conectando saberes e inspirando atitudes mais conscientes.

**Como esse material está organizado?**

O e-book apresenta 7 temas-problema, cada um com uma proposta de investigação voltada ao meio ambiente e articulada com as Artes Visuais. As temáticas seguem um roteiro inspirado nas visitas propostas pelo Programa Municipal de Educação Ambiental de Bauru (PMEA), que se caracteriza pela abordagem da educação ambiental crítica. Cada tema-problema traz, também, duas referências artísticas de artistas brasileiros que dialogam diretamente com as questões ambientais propostas.

Você encontrará em cada seção tema-problema:

- Uma temática geradora, que deverá ser um ponto de partida para as futuras pesquisas e criações.
- Textos introdutórios e informativos com linguagem adaptada aos estudantes.
- Sugestões de obras de arte e artistas que ampliam o repertório cultural e visual dos alunos.
- Convite à reflexão e a continuidade dos estudos através das atividades práticas.

**O que é um tema-problema?**

O tema-problema é uma proposta pedagógica que parte de uma pergunta ou situação instigante, capaz de mobilizar a curiosidade e o desejo de investigação dos estudantes. Ao invés de apresentar respostas prontas, o tema-problema propõe uma questão aberta, relacionada ao cotidiano ou aos desafios do mundo real, que convida os estudantes a pesquisar, refletir e criar soluções ou interpretações.

Assim, o tema-problema:

- Instiga o pensamento crítico e criativo;
- Valoriza a autonomia e a participação ativa dos estudantes;

- Integra diferentes áreas do conhecimento, como arte, ciência, história e geografia;
- Aproxima o aprendizado da realidade social e ambiental dos alunos.

O educador atua como mediador, orientando a turma a investigar de forma colaborativa e a encontrar caminhos próprios para compreender e representar o problema proposto.

**Por que escolhemos artistas brasileiros?**

Optamos por selecionar artistas brasileiros para compor esse material, pois suas obras dialogam diretamente com as temáticas ambientais abordadas nos temas-problema. São artistas que trazem em suas produções questões que podem ser reconhecidas e sentidas no cotidiano dos estudantes, seja pelo contexto cultural, social ou ambiental.

Nosso objetivo é que, ao se depararem com as obras, as crianças possam se identificar com as críticas e reflexões propostas pelos artistas e, assim, se sensibilizem com os problemas ambientais apresentados. Esse processo de reconhecimento e empatia é fundamental para motivá-los a investigar com profundidade os temas-problema e a criar suas próprias produções artísticas, trazendo suas percepções e soluções para o contexto abordado.

**O que acontece ao final do percurso?**

Após a exploração dos temas, você chegará à seção final chamada "Refletindo e Criando", que propõe um desafio artístico-investigativo.

Nessa etapa, os estudantes serão convidados a:

- Escolher um dos temas estudados;
- Criar uma pergunta de pesquisa;
- Investigar o tema com mais profundidade;
- Compartilhar descobertas e ampliar o aprendizado da turma;
- Produzir uma obra artística autoral, expressando visualmente tudo o que aprenderam e sentiram ao longo do percurso.

Essa última etapa é um convite para que cada aluno se torne um artista-pesquisador, capaz de dar forma e cor às suas inquietações e soluções.

**Flexibilidade e autonomia do professor**

Importante destacar: não há uma sequência obrigatória para a aplicação dos temas-problema. Embora o e-book siga a ordem sugerida pelo cronograma de visitas do PMEA, o professor tem total liberdade para reorganizar os conteúdos conforme suas necessidades pedagógicas e o perfil da sua turma.

Não havendo uma linearidade entre os temas-problema, você pode:

- Sugerir que os estudantes escolham individualmente o tema-problema que mais lhes interessa e trabalha-los simultaneamente;
- Dividir a turma em grupos de trabalho, sendo que cada grupo ficará responsável por um tema-problema;
- Realizar uma votação ou um sorteio para definir as divisões dos temas;
- Ou, ainda, seguir a ordem proposta, o qual a turma toda terá contato com todos os temas-problema. Sendo que a turma, também, pode ser dividida em grupos de trabalho ou trabalhos individuais.

O mais importante é garantir que a escolha do percurso favoreça a autonomia, a participação ativa e o engajamento dos estudantes, sempre conectando arte e meio ambiente de maneira significativa.

Da mesma forma, não há hierarquia entre os artistas apresentados, seus nomes estão dispostos nas seções em ordem alfabética, e cada um deles traz contribuições valiosas para o processo.

**Dicas para potencializar essa experiência:**

- Adapte à sua turma: cada proposta pode (e deve!) ser ajustada de acordo com as características da sua turma, seja no tempo, na complexidade ou nos materiais disponíveis.

- Promova diálogos constantes: incentive conversas abertas e reflexivas em cada etapa do projeto, tanto sobre as questões ambientais quanto sobre as obras de arte apreciadas.
- Valorize o processo: mais do que o resultado final, o importante aqui é o caminho percorrido pelos estudantes, suas descobertas, seus questionamentos e sua criatividade.
- Crie momentos de exposição: que tal realizar uma mostra ao final do projeto? Expor as criações da turma na escola ou na comunidade pode ser uma experiência poderosa de valorização e conscientização.

**Um convite à ação**

O material aqui proposto, oferece aos estudantes uma oportunidade de tornar o conhecimento mais vivo, afetivo e conectado com o cotidiano e com o futuro do planeta. Trazendo propostas flexíveis, os conteúdos foram elaborados para ser um ponto de partida, mas você é quem vai dar vida a ele com a sua criatividade, sensibilidade e saber pedagógico.

Pronto(a) para transformar essas páginas em experiências inesquecíveis?

# PARTE II

# Aos Estudantes

# Arte + Ciência = um novo olhar sobre o mundo

Olá, estudante!

Você já observou uma obra de arte e se perguntou: "O que será que isso quer dizer?" ou então: "Por que o artista escolheu essas cores, essas formas ou esse tema?"

Pois é...a arte não está aqui só para enfeitar paredes. A arte pode ser bonita, sim. Mas, também pode ser forte, questionadora e até ousada! Ela serve para expressar sentimentos, contar histórias, fazer perguntas importantes e, muitas vezes, fazer a gente pensar sobre o que está acontecendo no mundo.

E sabe quem mais adora fazer perguntas e investigar as respostas?

Os cientistas!

Enquanto a ciência observa, testa e explica como as coisas funcionam, a arte cutuca a nossa mente, nos fazendo refletir sobre quem somos, o que sentimos e como podemos transformar o nosso planeta.

Nesse livro, você vai explorar essa mistura poderosa:

- A ciência que explica.
- A arte que questiona.
- E a criação de obras através dos seus estudos.

Vamos falar sobre o meio ambiente e conhecer artistas que usam a criatividade para nos fazer refletir sobre como estamos cuidando do nosso planeta, e no final...

Será a sua vez! Você vai planejar e criar uma obra de arte com uma missão: mostrar para as outras pessoas o que você aprendeu nos seus estudos e também proporcionar reflexões a elas.

Prepare a mente de cientista e os olhos de artista.
Temos muita coisa para aprender e criar!

## Tema-problema

# Nosso espaço: planeta Terra



# Astronomia e educação ambiental: descobrindo nosso lugar no universo

Quando olhamos para o céu, vemos pontos brilhantes que parecem distantes e silenciosos. Mas, você já parou para pensar o que o universo pode nos ensinar sobre a vida aqui na Terra?

Nessa seção, vamos descobrir que a astronomia não serve apenas para estudar planetas e estrelas, mas também para nos ajudar a compreender melhor a Terra, a vida e o nosso papel como parte desse imenso sistema cósmico. Afinal, só conseguimos cuidar de algo quando percebemos o quanto ele é valioso. Ao entender a beleza e a fragilidade do nosso planeta, podemos enxergar com mais clareza os impactos que causamos e a urgência de mudar.

Pronto para começar essa viagem pelo espaço e voltar com os olhos mais atentos para a Terra?

## O que a astronomia tem a ver com a nossa vida?

Durante muito tempo, o céu foi um mistério que despertava medo, admiração e curiosidade. Hoje, com telescópios, satélites e estudos científicos, conseguimos olhar para o espaço com mais clareza, mas continuamos aprendendo com ele todos os dias. Afinal, quanto mais conhecemos o universo, mais entendemos o quanto a Terra é rara, viva e delicada.

A astronomia é a ciência que estuda os astros, como o Sol, a Lua, os planetas e as estrelas. Mas, ela não serve apenas para entender o que está “lá fora”. Ela também nos ajuda a pensar sobre o que está aqui dentro: o tempo, os ciclos da natureza, a vida presente no nosso planeta e o nosso papel como parte de tudo isso.

Se hoje sabemos que o dia começa quando o Sol aparece no céu e que as estações mudam ao longo do ano, é porque alguém, em algum momento da história, observou os astros com atenção e transformou o céu em conhecimento.

Muito antes de existir GPS ou relógio, os povos antigos já levantavam os olhos para o céu em busca de respostas. As estrelas indicavam caminhos, ajudavam a prever estações do ano e a entender os melhores momentos para plantar e colher. O céu funcionava como um grande calendário e um mapa natural. E hoje em dia, mesmo com equipamentos tecnológicos o céu continua sendo fundamental para a nossa compreensão do tempo e da localização no espaço.

Você sabia que os cientistas dividiram o céu em 88 constelações?

Constelações são grupos de estrelas que parecem formar figuras no céu, elas receberam nomes baseados na mitologia grega, como Órion, Escorpião e Leão. E esses desenhos não serviam só para contar histórias: eles eram usados pelos navegadores para se localizar em alto-mar, muito antes dos satélites artificiais existirem.

Observar o céu sempre foi uma forma de conhecer melhor o planeta Terra. A astronomia nos mostra que, mesmo diante de um universo tão vasto, o nosso planeta é um lugar especial e cuidar dele é também uma forma de respeitar o cosmos do qual fazemos parte.

## A nossa casa no cosmos

Quando pensamos no tamanho do universo, é fácil imaginar que somos pequenos, e somos mesmo. A Terra, com toda a sua diversidade de vida, seus oceanos profundos e florestas imensas, é apenas um pontinho azul girando em torno do Sol, dentro de uma galáxia chamada Via Láctea, que é apenas uma entre bilhões de outras galáxias que existem no universo.

Fig. 1. A Terra vista pela Apollo 8. A fotografia chegou à Terra com os astronautas da missão espacial Apollo 8 no final de dezembro de 1968.



Fonte: https://visibleearth.nasa.gov/collection/1658/earth?page=4 . Acesso em: 15 de fev. de 2025.

Mas, o fato de sermos pequenos não nos torna menos importantes. Pelo contrário. Até agora, a Terra é o único planeta conhecido onde existe vida, e isso faz dela um lugar extraordinário. Nosso planeta está localizado em uma faixa especial do espaço chamada zona habitável, onde não faz calor demais nem frio demais. Aqui existe água em estado líquido, ar para respirar, clima variado, solo fértil e tudo o que os seres vivos precisam para viver. Nenhum outro planeta, entre tantos já observados pelos cientistas, oferece as mesmas condições.

E é justamente por isso que cuidar da Terra é uma tarefa urgente e necessária. Embora ela esteja no lugar certo do universo, os desequilíbrios causados pela ação humana estão tornando esse lar cada vez mais frágil. A poluição, o desmatamento, o desperdício e o uso exagerado dos recursos naturais estão provocando mudanças sérias no clima, na biodiversidade e na qualidade de vida, não só para os humanos, mas para todos os seres vivos que compartilham esse planeta. E a astronomia, ao ampliar nossa visão de mundo, também amplia nossa responsabilidade. Ela nos lembra que somos passageiros de uma nave frágil, que viaja pelo espaço carregando tudo o que amamos: a vida.

Quando olhamos para o espaço e percebemos o quão raro é um planeta como o nosso, nos damos conta de que não existe “Plano B”. A Terra não é apenas o lugar onde moramos, é o nosso único abrigo no cosmos. E se queremos que ela continue sendo habitável para as futuras gerações, precisamos repensar a forma como vivemos, consumimos, nos deslocamos e nos relacionamos com a natureza.

A astronomia, ao nos mostrar a imensidão do universo, também nos ensina sobre limites. Ela nos lembra que não somos donos da Terra, somos parte dela, e que as nossas ações têm consequências que vão muito além do nosso quintal, da nossa rua ou da nossa cidade. Tudo está conectado.

## Tema-problema

# Nosso espaço: planeta Terra

### Referências Artísticas

- Eduardo Kobra
- Jaider Esbell

# A arte como janela para o futuro: olhando o mundo com novos olhos

Observar o céu sempre foi uma forma de imaginar. O que existe além das estrelas? O que podemos aprender com os planetas, os cometas, as galáxias? Essas perguntas também atravessam o mundo da arte.

Artistas, assim como os cientistas, olham para o céu em busca de sentido. Mas, enquanto a ciência investiga com fórmulas e telescópios, a arte cria pontes invisíveis entre o universo e a humanidade, entre o espaço e a Terra, entre o que está lá fora e o que sentimos aqui dentro.

Nas próximas páginas, vamos conhecer duas obras que nos ajudam a pensar sobre isso. Os artistas Eduardo Kobra e Jaider Esbell nos inspiram a olhar para o universo com mais imaginação, sensibilidade e respeito. Eles nos lembram que o futuro da humanidade não depende apenas de tecnologia ou ciência, mas também da nossa capacidade de observar, ouvir, refletir, aprender e agir.

Agora, convidamos você a observar atentamente e refletir:

- O que elas dizem para você?
- Quais sentimentos despertam?
- Que problemas ou situações as obras parecem discutir?
- O que mais chama a sua atenção nas obras?
- O que mais você vê?

Observe os detalhes, pense nas cores, nas formas e nas mensagens escondidas em cada imagem. Deixe sua imaginação fluir e descubra como a arte pode nos ajudar a enxergar o mundo de novas maneiras.

Fig. 2 - “Mural Nações Unidas Nova York”. Eduardo Kobra. 2022, 24 metros de comprimento por 14 metros de altura.



Fonte: https://www.eduardokobra.com/projeto/57/mural-nacoes-unidas-nova-york. Acesso em 01 de mar. de 2025.

# Sobre o Artista:
# Eduardo Kobra

Eduardo Kobra nasceu em 1975, na cidade de São Paulo, e desde pequeno já gostava de desenhar. No início, Kobra fazia pinturas em muros sem autorização, como pichador, mas, com o tempo, aprendeu a usar sua arte para transmitir mensagens importantes pelo mundo.

Hoje, Kobra é conhecido internacionalmente e já pintou murais em cinco continentes. As cores vibrantes e as formas geométricas usadas para criar retratos hiper-realistas tornam seu estilo marcante.

Além de homenagear pessoas importantes e momentos históricos, Kobra também usa sua arte para falar sobre a união dos povos, o fim da violência e do racismo, além da proteção do meio ambiente e dos povos indígenas. Para o artista, as mensagens transmitidas por suas obras são os elementos mais importantes de seu trabalho.

Kobra continua morando em São Paulo, onde tem seu ateliê e segue espalhando mensagens de cultura, história e preservação do meio ambiente através da arte.

Fig. 3 - Eduardo Kobra.



Fonte: https://www.eduardokobra.com/biografia. Acesso em 01 de mar. de 2025.

Informações baseadas na biografia de Eduardo Kobra disponibilizada no site: https://www.eduardokobra.com/biografia. Acesso em: 01 de mar. de 2025.

# Sobre a obra:

## “Mural Nações Unidas Nova York”



Fig. 4 - Fonte: https://www.eduardokobra.com/projeto/57/mural-nacoes-unidas-nova-york. Acesso em 01 de mar. de 2025.

A obra **"Mural Nações Unidas Nova York"** foi exibida na sede da ONU (Organização das Nações Unidas), em Nova York, de setembro a dezembro de 2022. No mural, vemos um pai entregando o planeta Terra para sua filha, como se fosse um presente. No centro da pintura, o artista destacou a América Latina, mostrando a importância da Floresta Amazônica, um dos lugares mais ricos em biodiversidade do mundo.

Essa imagem traz uma pergunta muito importante: como estamos cuidando do nosso planeta para as futuras gerações?

O artista nos lembra que o planeta Terra é nossa única casa, e todos nós temos a responsabilidade de protegê-lo. Se quisermos continuar existindo, precisamos adotar ações sustentáveis em nosso dia a dia. O futuro depende de cada um de nós. Se cuidarmos bem do meio ambiente agora, deixaremos um mundo melhor para as próximas gerações.

Informações baseadas na descrição da obra disponibilizada no site do artista e na matéria sobre a inauguração da obra divulgada no site da ONU. Disponibilizados nos sites:
https://www.eduardokobra.com/projeto/57/mural-nacoes-unidas-nova-york. Acesso em: 01 de mar. de 2025.
https://brasil.un.org/pt-br/199398-mural-do-brasileiro-kobra-ser%C3%A1-inaugurado-amanh%C3%A3-na-sede-da-onu. Acesso em: 01 de mar. de 2025.

Fig. 5 - “A conversa das entidades intergalácticas para decidir o futuro universal da humanidade”. Jaider Esbell. 2021, Acrílica e posca sobre tela, 112cm x 232cm.




Fonte: https://www.premiopipa.com/pag/jaider-esbell/ . Acesso em 16 de fev. de 2025.

# Sobre o Artista: Jaider Esbell

Fig. 6 - Jaider Esbell.



Fonte: https://millan.art/noticias/jaider-esbell-e-nomeado-doutor-honoris-causa-pela-ufrr/. Acesso em 16 de fev. de 2025.

Jaider Esbell é um artista indígena pertencente ao povo Macuxi, nasceu em 1979, no estado de Roraima. A arte de Jaider Esbell era inspirada nas histórias e nos conhecimentos do povo Macuxi. Ele transformava mitos e lendas em pinturas, esculturas e textos, mostrando a riqueza da cultura indígena e a relação dos povos tradicionais com a natureza. Suas obras trazem reflexões sobre o universo, os seres sagrados e a vida na Amazônia, um tema central em seu trabalho.

Jaider também ajudava outros artistas indígenas a mostrar sua cultura para o mundo. Em 2013, criou a Galeria Jaider Esbell de Arte Indígena Contemporânea, na cidade de Boa Vista. Esse espaço servia para expor obras de artistas indígenas e compartilhar conhecimentos sobre a cultura de seus povos. Ele também levava a arte para comunidades indígenas, quilombolas e ribeirinhas, ensinando crianças e adultos a se expressarem por meio da arte.

Jaider chamava sua arte de artivismo, porque ela misturava arte e ativismo. Ele queria que as pessoas refletissem sobre a história dos povos indígenas, a preservação da natureza e a importância das tradições ancestrais. Além disso, ele criou um conceito chamado txaísmo, que propõe a possibilidade de  sermos aliados daqueles que são diferentes de nós, nos convidando a criar novas formas de relação com as pessoas e com o planeta.

Jaider Esbell faleceu em 2021, mas seu trabalho continua inspirando muitas pessoas. Sua arte e suas ideias ajudaram a valorizar a cultura indígena e ensinaram que todas as histórias merecem ser contadas e respeitadas. Hoje, suas obras são lembradas como um grande exemplo de luta e expressão cultural.

Informações baseadas na biografia de Jaider Esbell disponibilizada no site: http://www.galeriajaideresbell.com.br/jaider-esbell . Acesso em: 16 de fev. de 2025.

# Sobre a obra:

## “A conversa das entidades intergalácticas para decidir o futuro universal da humanidade”




Fig. 7 - Fonte: https://www.premiopipa.com/pag/jaider-esbell/ . Acesso em 16 de fev. de 2025.

A obra **“A conversa das entidades intergalácticas para decidir o futuro universal da humanidade”** convida à reflexão sobre a existência humana dentro de um sistema maior, onde tudo está interligado. Jaider Esbell questiona o impacto das ações humanas não apenas na Terra, mas em outras formas de vida e no equilíbrio do universo. Ele critica a ideia de um “modelo próprio de evolução” que ignora os resíduos gerados e os danos causados a outros seres. Sua arte reforça a visão do planeta Terra como um espaço sagrado e destaca a responsabilidade humana na preservação ambiental diante da imensidão do cosmos.

Informações baseadas no depoimento de Jaider Esbell durante o vídeo: “Apresentação: Ruku”. Disponibilizado no site: https://millan.art/exposicoes/apresentacao-ruku/ . Acesso em: 16 de fev. de 2025.

# Olhando o universo com olhos de artista

Neste capítulo, descobrimos que a astronomia não é feita só de planetas distantes e estrelas cintilantes. Ela também nos ajuda a entender quem somos, onde estamos e o que precisamos fazer para cuidar do lugar onde vivemos.

A Terra é um planeta raro, vivo e sensível. E até agora, o único que abriga vida. Quando estudamos o cosmos, aprendemos que não há planeta de reserva. Somos passageiros do mesmo mundo, navegando juntos pelo espaço.

Mas, esse planeta tão cheio de vida também está ameaçado. Nosso modo de viver tem provocado desequilíbrios que afetam o clima, os oceanos, as florestas e os próprios seres humanos. E olhar para o céu é também um jeito de pensar sobre isso:

- Se poluirmos e desmatarmos a Terra, podemos morar em outro planeta?
- Podemos enviar o lixo que nós produzimos para outros planetas e deixar a Terra limpa?
- Você já pensou sobre o futuro do nosso planeta?
- O que tudo isso tem a ver com você?

A ciência e a arte têm muito mais em comum do que imaginamos. Muitos artistas, como Eduardo Kobra e Jaider Esbell, usam suas obras para falar sobre o nosso planeta e nossa relação com o universo.

No gigantesco mural pintado na sede das Nações Unidas em Nova York, Eduardo Kobra usa cores vibrantes para mostrar que, mesmo em um planeta tão diverso, todos fazemos parte de uma mesma casa em comum. Já o artista indígena Jaider Esbell, mistura mitologia, espiritualidade e cosmos, lembrando que há saberes muito antigos sobre o universo que não cabem em laboratórios, mas vivem nas histórias e na cultura dos povos originários.

Essas obras não estão apenas falando de estrelas ou planetas. Elas estão falando de nós. Da nossa conexão com o cosmos e da nossa responsabilidade com a Terra.

A arte pode ser uma forma poderosa de reflexão e crítica sobre os problemas ambientais que enfrentamos. A crise climática e a destruição do meio ambiente são desafios que ameaçam o futuro do nosso planeta, e muitos artistas usam suas criações para alertar sobre essas questões.

Agora que viajamos pelo espaço e entendemos melhor nosso lugar no universo, que tal expressar seus aprendizados e questionamentos através da arte?

Na seção, chamada “Refletindo e Criando”, você encontrará orientações para expressar suas ideias de maneira criativa!

Vamos juntos nessa aventura?

## Tema-problema

# A exploração da Terra: o progresso e a destruição



# Nosso lugar na história

Você já imaginou como era a sua cidade antes de existir ruas, prédios e escolas?

Antes de tudo isso, a natureza dominava a paisagem, e os povos indígenas viviam em harmonia com o ambiente. Mas, com o tempo, muita coisa mudou. O crescimento das cidades trouxe progresso, mas também desafios para a natureza e para as pessoas. Que tal descobrir essa história e entender como tudo isso aconteceu?

Vamos aprender juntos!

## Onde estamos?

Vamos começar entendendo o nosso lugar no mundo: a nossa cidade faz parte de um estado, de um país, de um continente e, por fim, do nosso planeta: a Terra.

Por exemplo, a cidade de Bauru fica no estado de São Paulo, que pertence à região Sudeste do Brasil. O Brasil está na América do Sul, que é um dos continentes do planeta Terra.

Nosso planeta, a Terra, faz parte do Sistema Solar, que está dentro da Via Láctea, uma galáxia entre bilhões de outras galáxias no universo.

Fig. 8 - Bauru - Software Google Earth ®.




Fonte: https://earth.google.com/web/search/Bauru,+SP. Acesso em 02 de mar. de 2025.

Mas, apesar de sermos um pontinho no cosmos, cada ação que acontece aqui deixa marcas, no tempo, na natureza, nas histórias e nas pessoas.

## As primeiras mudanças na paisagem: a chegada dos colonizadores

Antigamente, onde hoje existe a cidade de Bauru, havia florestas que eram habitadas por povos indígenas, como os Kaingangs. Eles viviam em harmonia com a natureza, caçando, pescando e cultivando suas próprias plantações. Mas, com a chegada dos colonizadores tudo começou a mudar. Uma das grandes mudanças foi o cultivo do café, que se tornou um dos produtos mais importantes do Brasil. Em Bauru e nas regiões próximas, como Piratininga e Agudos, muitas fazendas foram criadas para plantar café. No entanto, para isso, foi preciso desmatar grandes áreas de floresta e retirar os indígenas de suas terras.

Fig. 9 - Registros do cotidiano da Fazenda São João (Museu do Café de Piratininga), atividades de secagem do café no terreirão, imagens da década de 70 a 90. Foto realizada por Aparecido Garcia, ex-funcionário da Fazenda.



Fonte: Imagem cedida pelo Museu do Café de Piratininga.

## Quem trabalhava nas fazendas?

Depois da abolição da escravidão, o Brasil passou a receber imigrantes europeus, como italianos e portugueses, que vieram com a esperança de uma vida melhor. Mas a realidade foi bem dura: muitos trabalhavam nas plantações em troca de baixos salários, enfrentando longas jornadas e condições precárias.

Para que o café pudesse ser vendido para outros lugares, foram construídas as ferrovias. Bauru cresceu muito porque se tornou um dos principais pontos ferroviários do estado de São Paulo. O café produzido na região era transportado até o porto de Santos, de onde seguia para outros países.

## As marcas do progresso: o impacto ambiental e a luta dos povos indígenas

Durante muito tempo, esse modelo de crescimento foi chamado de progresso. De fato, ele trouxe desenvolvimento econômico, novas tecnologias e expansão para as cidades. Mas, também deixou feridas profundas: florestas inteiras desapareceram, rios foram poluídos, espécies foram extintas e os povos indígenas foram expulsos de seus territórios, sofrendo com doenças, violência e desrespeito à sua cultura.

A riqueza gerada pelo café ficou nas mãos de poucos, enquanto muitos trabalhadores foram explorados. Hoje, ao olharmos para a história da nossa cidade, podemos aprender que o progresso deve respeitar tanto a natureza quanto as pessoas que vivem nela.

Fig. 10 - Registros do cotidiano da Fazenda São João (Museu do Café de Piratininga), atividades de secagem do café no terreirão, imagens da década de 70 a 90. Foto realizada por Aparecido Garcia, ex-funcionário da Fazenda.



Fonte: Imagem cedida pelo Museu do Café de Piratininga.

# Um museu no meio da história

Hoje, algumas dessas histórias estão sendo recuperadas. Um bom exemplo é o Museu do Café de Piratininga.

Inaugurado em 2014, o Museu está localizado na Fazenda São João, no município de Piratininga, a cerca de 10 quilômetros da cidade de Bauru, no interior de São Paulo. Chamado de ecomuseu, o Museu do Café de Piratininga é um espaço a céu aberto, onde as pessoas podem aprender sobre a história do café enquanto aproveitam a natureza e participam de atividades ao ar livre.

A fazenda onde o museu está instalado tem construções históricas do final do século XIX, como uma antiga capela, uma tulha (onde o café era armazenado) e um terreirão (espaço usado para secar os grãos de café). Esses espaços ajudam a preservar a memória da época em que o café era um dos principais produtos do Brasil, mostrando como era o trabalho nas fazendas e a importância desse cultivo para a região.

Além de contar a história do café, o museu também oferece experiências educativas e culturais. Os visitantes podem fazer trilhas ecológicas, observar o céu com telescópios e participar de eventos que reúnem cultura, natureza e aprendizado. As ações promovidas pelo Museu do Café de Piratinga nos convidam a olhar para o passado com atenção e para o presente com responsabilidade.

Informações baseadas no texto de apoio para a visita ao Museu do Café de Piratininga - Fazenda São João. Programa de Educação Ambiental (PMEA).

Informações sobre o Museu do Café de Piratinga disponível em: https://www.museudocafepiratininga.com.br/. Acesso em 02 de abril. de 2025.

## Tema-problema

# A exploração da Terra: o progresso e a destruição

### Referências Artísticas

- Dinda Sanson
- Sebastião Salgado

# A arte como espelho da história: descobrindo novas perspectivas

A arte tem o poder de contar histórias sem usar palavras. Ela nos faz sentir, imaginar e até enxergar o passado e o presente de um jeito diferente. Alguns artistas usam suas obras para mostrar as belezas do mundo, enquanto outros revelam problemas que muitas vezes não percebemos.

Nas próximas páginas, você vai conhecer o trabalho de dois grandes artistas: Dinda Sanson e Sebastião Salgado. Cada um, com seu próprio olhar, nos convida a refletir sobre a natureza, o meio ambiente e as marcas deixadas pelo tempo.

Agora, observe com atenção:

- O que as imagens contam para você?
- Quais cores, formas e detalhes chamam a sua atenção?
- Quais sentimentos essas obras despertam?
- Que problemas, situações ou reflexões você acredita que podem ter inspirado esses artistas?
- O que mais você vê?

Observe todos os detalhes e deixe sua imaginação fluir. Descubra como a arte pode nos ajudar a entender melhor o mundo e a nossa própria história.

Fig. 11 - “A caminho da capinação do café”,  Dinda Sanson. 2004, Acrílica sobre tela, 70cm x 100cm.



Fonte: https://ibb.co/b1hCBwb. Acesso em 15 de mar. de 2025.

# Sobre a Artista:
# Dinda Sanson

Fig. 12 - Foto disponibilizada em matéria do JCNET.



Fonte: https://sampi.net.br/bauru/noticias/2792011/bauru-e-regiao/2023/10/morre-em-bauru-a-artista-myriam-therezinha-vanzella-sanson-a-dinda. Acesso em 15 de mar. de 2025.

Você já imaginou contar histórias usando cores e formas em vez de palavras? Foi exatamente isso que Dinda Sanson fez com sua arte.

Myriam Therezinha Vanzella Sanson, mais conhecida como Dinda, nasceu no dia 18 de agosto de 1930, na cidade de Guarantã, em São Paulo. Mas foi em Bauru que viveu grande parte da sua vida e se tornou uma artista muito importante.

Dinda começou sua trajetória artística pintando porcelana, mas logo se apaixonou pela pintura em tela. Na década de 1980, fez suas primeiras exposições e se tornou uma das primeiras artistas a levar a Arte Naïf para Bauru. Seu ateliê ficava na Rua Gerson França, um espaço onde criava suas belas obras.

Seu talento foi reconhecido não só no Brasil, mas no mundo inteiro, Dinda participou de várias exposições dentro e fora do país. Suas pinturas chegaram a lugares como França, Portugal, Estados Unidos, Itália e Japão. Algumas de suas obras fazem parte de importantes coleções, como o Museu do Sol de Penápolis, o Museu Primitivista de Assis e galerias de arte em Miami, nos Estados Unidos.

Dinda Sanson faleceu no dia 6 de outubro de 2023, deixando um grande legado para a arte e para a cidade de Bauru. Suas pinturas continuam encantando muitas pessoas e mostrando que a arte pode contar histórias de um jeito único.

Informações baseadas no texto de divulgação da exposição da artista na Pinacoteca Municipal de Bauru, disponibilizada no site: https://www2.bauru.sp.gov.br/materia.aspx?n=37998. Acesso em: 15 de mar. de 2025.

# Sobre a obra:

## “A caminho da capinação do café”



Fig. 13 - Fonte: https://ibb.co/b1hCBwb. Acesso em 15 de mar. de 2025.

A pintura **"A caminho da capinação do café"** de Dinda Sanson é um belo exemplo da Arte Naïf, um estilo caracterizado por cores vivas, muitos detalhes e um olhar espontâneo sobre a vida. Esse tipo de arte é feito por artistas autodidatas, ou seja, que aprendem sozinhos, sem seguir regras acadêmicas de pintura.

Nesta obra, Dinda retrata um momento do passado, mostrando trabalhadores rurais a caminho das lavouras de café. Com traços delicados e cheios de emoção, ela traz à tona lembranças da infância no interior paulista, destacando a simplicidade da vida no campo. Suas pinturas são como histórias ilustradas, convidando quem observa a imaginar e até sentir o que os personagens estão vivendo.

Dinda nos transporta através do tempo, preservando a memória da cidade de Bauru e de tantas pessoas que ajudaram a construir sua história. Essa obra faz parte do acervo da Pinacoteca Municipal de Bauru, um espaço dedicado à preservação e valorização da arte na nossa cidade.

Informações baseadas no texto curatorial elaborado pela especialista em História da Arte, Dra. Cleide Biancardi, para a exposição da artista Dinda Sanson na Pinacoteca Municipal de Bauru no ano de 2021.

Fig. 14 - “Estação de florescimento do café, fazenda Dutra, município de São João do Manhuaçú, região de Mata, estado de Minas Gerais, Brasil. Sebastião Salgado. 2014. © Sebastião Salgado / Amazonas images | Do livro: “Perfume de um sonho - uma viagem ao mundo do café”.



Fonte: https://www.revistaprosaversoearte.com/sebastiao-salgado-perfume-de-sonho-uma-viagem-ao-mundo-do-cafe/#goog_rewarded. Acesso em 15 de mar. de 2025.

# Sobre o Artista: Sebastião Salgado

Fig. 15 - Sebastião Salgado.



Fonte: https://www.correiobraziliense.com.br/diversao-e-arte/2022/06/5012729-sebastiao-salgado-fala-sobre-o-processo-de-fotografar-a-amazonia.html. Acesso em 15 de mar. de 2025. (crédito: Drew Forsyth/Science Museum Group).

Sebastião Salgado foi um fotógrafo brasileiro famoso no mundo todo. Ele nasceu em 8 de fevereiro de 1944, na cidade de Aimorés, em Minas Gerais. Estudou Economia e trabalhou nessa área, mas em uma de suas viagens para a África, descobriu sua paixão pela fotografia e decidiu se dedicar totalmente à arte de registrar o mundo com a sua câmera.

Suas fotos são sempre em preto e branco, pois assim ele destaca a expressividade das imagens sem que as cores desviem a nossa atenção, deixando as suas obras ainda mais impactantes.

Sebastião Salgado não fotografou apenas paisagens bonitas. Seu olhar estava voltado para as pessoas que enfrentam dificuldades, como trabalhadores rurais, refugiados e comunidades que lutam para sobreviver. Suas imagens mostram a realidade de muitas pessoas e ajudam o mundo a conhecer e se preocupar mais com elas.

Além de fotógrafo, Sebastião também foi um grande defensor do meio ambiente. Junto com sua esposa, Lélia, ele criou o Instituto Terra, um projeto que restaurou a floresta que havia sido destruída para dar lugar à fazenda da sua família. Juntos, o casal reflorestou mais de 600 hectares em Aimorés, Minas Gerais. Hoje o Instituto Terra é uma referência mundial em restauração ecossistêmica, educação ambiental e desenvolvimento rural sustentável.

Com suas fotos e ações, ele nos faz pensar sobre a importância de cuidar das pessoas e do nosso planeta. Sebastião Salgado faleceu em 2025 nos deixando o ensinamento de que a arte pode transformar o mundo.

Informações baseadas no texto disponibilizado em: https://www.epics.com.br/blog/sebastiao-salgado-famoso-fotografo-brasileiro. Acesso em: 15 de mar. de 2025.



Fig. 16 - Fonte: https://www.revistaprosaversoearte.com/sebastiao-salgado-perfume-de-sonho-uma-viagem-ao-mundo-do-cafe/. Acesso em 15 de mar. de 2025.

# Sobre a obra:

## “Estação de florescimento do café”

Você já pensou no caminho que o café percorre antes de chegar até a sua xícara? O fotógrafo Sebastião Salgado viajou por diversas regiões produtoras para contar essa histó-ria por meio de suas imagens. Uma das fotografias dessa jornada é **"Estação de florescimento do café"**, tirada em 2014, na Fazenda Dutra, em São João do Manhuaçú, Minas Gerais.

Nessa imagem, ele registrou um momento mágico: a floração do café. Durante essa fase, os cafezais ficam cobertos de pequenas flores brancas, exalando um perfume adocicado. Logo depois, essas flores darão lugar aos frutos que se transformarão nos grãos de café. A fotografia nos mostra o trabalho dedicado dos agricultores, que cuidam de cada etapa do cultivo.

Essa e outras obras fazem parte do livro "Perfume de Sonho – uma viagem ao mundo do café", no qual Sebastião Salgado explora o impacto dessa cultura na vida de milhões de pessoas. Ao longo de dez anos, ele visitou fazendas em 10 países diferentes, conhecendo histórias de trabalha-dores que dedicam suas vidas ao plantio e à colheita do café. Sebastião observou pacientemente as histórias e as paisagens à espera dos momen-tos certos de luz e sombra para captar os detalhes, expressões e texturas.

Com suas fotografias, Sebastião Salgado nos convida a olhar o café além do simples ato de beber: ele nos faz refletir sobre as mãos que o cultivam, os campos que o produzem e as histórias de quem faz esse trabalho.

Informações baseadas no texto, disponibilizado no site: https://www.revistaprosaversoearte.com/sebastiao-salgado-perfume-de-sonho-uma-viagem-ao-mundo-do-cafe/. Acesso em: 15 de mar. de 2025.

# Olhando a história com olhos de artista

Ao longo dessa seção, descobrimos como o café transformou a região de Bauru. Ele trouxe crescimento e riqueza, mas a que custo? Para que as plantações se expandissem, as florestas foram derrubadas e os povos indígenas foram expulsos de suas terras.

Será que esse modelo de progresso realmente foi justo para todos?

Observamos duas obras de arte que nos ajudam a refletir. Dinda Sanson, com suas pinturas cheias de detalhes, nos leva ao passado e mostra como era a vida no campo, com trabalhadores dedicados e paisagens que foram modificadas pelo homem para que acontecesse o progresso das lavouras. Sebastião Salgado, com suas fotografias em preto e branco, traz paisagens dos cafezais no presente, provocando reflexões sobre a vida dos trabalhadores que ainda se dedicam à colheita do café e o quanto os impactos da ação humana estão influenciando o meio ambiente.

Mas e o futuro? O que será que vem pela frente?

Será que estamos repetindo os mesmos erros do passado ou aprendemos algo com a história?

A crise climática e a destruição ambiental são problemas que afetam a todos. A arte tem o poder de fazer a gente sentir e pensar sobre isso.

Agora é a sua vez!

Na seção "Refletindo e Criando", você terá a oportunidade de expressar as ideias sobre os seus estudos de um jeito criativo.

A sua arte pode inspirar outras pessoas a cuidar melhor do nosso planeta!

## Tema-problema

# Nossa história: destruição e preservação



# Entre trilhos e construções: a história que a cidade conta

Você já imaginou como as pessoas viajavam e transportavam mercadorias antes de existirem estradas e carros?

No passado, não haviam caminhões ou ônibus, e levar produtos de um lugar para outro era um grande desafio. Foi então que surgiram as ferrovias, com trens que ajudaram no crescimento das cidades e no desenvolvimento do Brasil. Mas, esse progresso teve um custo: muitas florestas foram derrubadas, e os povos indígenas que viviam nessas terras sofreram grandes perdas.

Vamos embarcar nessa história para entender como tudo isso aconteceu?

## O progresso: as ferrovias

Para permitir o transporte de grandes quantidades de mercadorias e para facilitar a locomoção das pessoas, foram construídas as estradas de ferro. A primeira ferrovia do Brasil foi a Estrada de Ferro Mauá, inaugurada em 1854, conectava o Porto de Mauá a Fragoso, na região metropolitana do Rio de Janeiro. Depois disso, muitas outras foram construídas, principalmente no estado de São Paulo.

Com a expansão das ferrovias, o Brasil acelerou seu progresso econômico, conectando diferentes regiões e permitindo que produtos, como o café (uma das principais riquezas da época), chegassem com mais facilidade aos mercados consumidores, dentro e fora do país.

## A ferrovia em Bauru

Em Bauru, onde havia muitas fazendas de café, a ferrovia também ajudou a resolver o problema do transporte.

Em 1905, a Estrada de Ferro Sorocabana conectou Bauru a São Paulo.

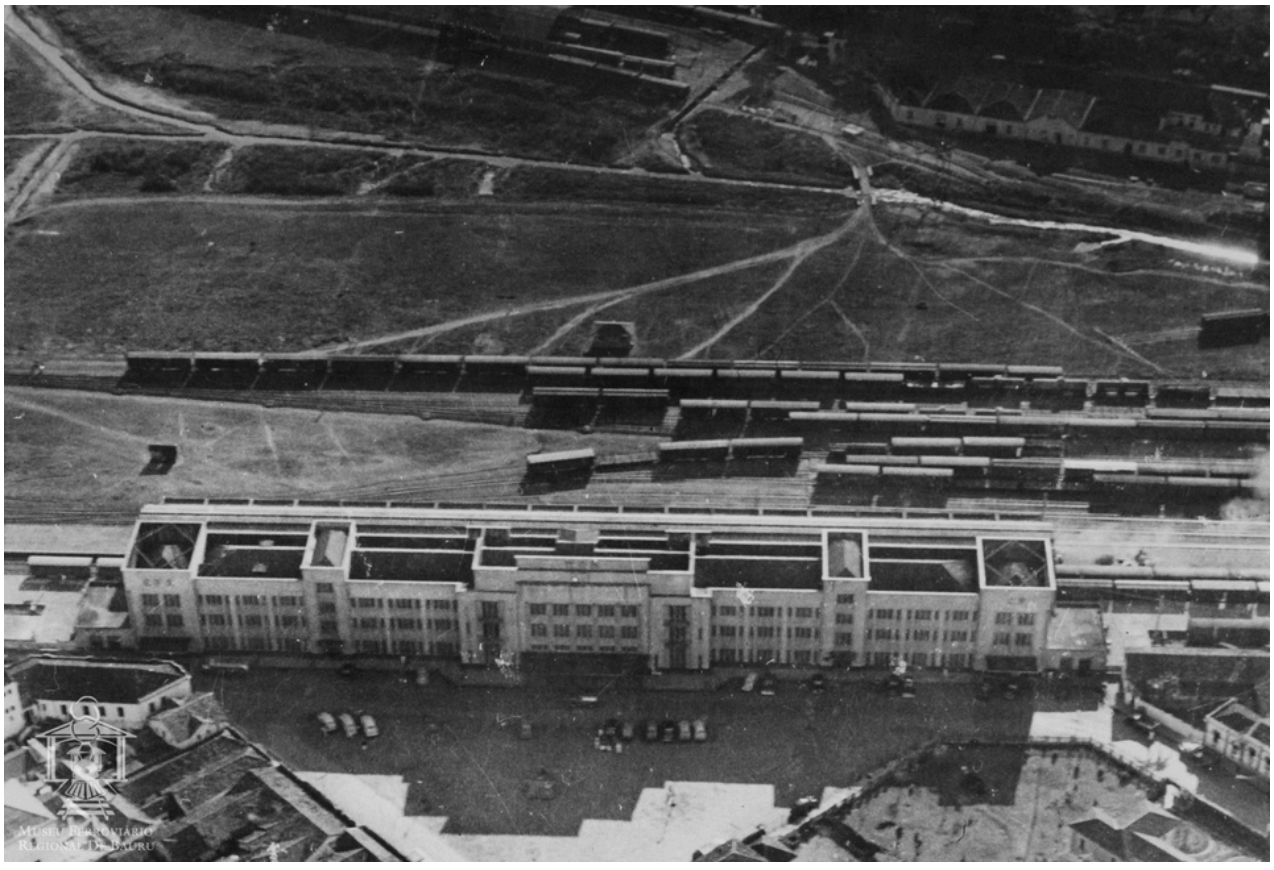
- Em 1906, a Estrada de Ferro Noroeste do Brasil chegou a Bauru, sendo concluída em 1952 conectando a nossa cidade à Corumbá (MS).

- Em 1910, chega a Companhia Paulista de Estradas de Ferro, tornando Bauru um importante ponto de conexão ferroviária.

Com isso, a cidade se tornou um grande entroncamento ferroviário, ajudando a expandir a economia da região. O café podia ser transportado de forma rápida e eficiente, beneficiando fazendeiros e comerciantes. O progresso trouxe crescimento, empregos e desenvolvimento para Bauru e muitas outras cidades do Brasil.

Com tantas ferrovias chegando, a estação ferroviária precisou ser ampliada, e a construção do novo prédio foi inaugurada em 1939, embora concluída em 1942.

Fig. 17 - Fotografia aérea mostrando a estação central, praça Machado de Mello e parte da esplanada da NOB em Bauru. Registro feito na primeira metade do Século XX.



Fonte://www.projetomuseuferroviario.com.br/construcao/. Acesso em 11 de abril. de 2025.

# O impacto ambiental e os povos indígenas

Porém, o progresso teve um custo alto. Para construir as estradas de ferro e expandir a cidade, muitas áreas de mata nativa foram desmatadas. As florestas deram lugar aos trilhos, e a madeira retirada era usada para construir os dormentes que sustentavam os trilhos.

A nossa região também era habitada por povos indígenas, como os Kaingangs, e com a chegada dos colonizadores e a construção das ferrovias, os povos indígenas foram expulsos de suas terras, o que levou a muitos conflitos. Os Kaingangs tentaram resistir, mas a luta era desigual, pois os colonizadores tinham armas mais avançadas. Muitos indígenas foram mortos ou obrigados a fugir, perdendo suas terras e seu modo de vida.

Assim, enquanto a ferrovia impulsionava o desenvolvimento, também deixava marcas profundas na história do meio ambiente, dos povos originários e das paisagens nativas.

Fig. 18 - Fotografia em preto e branco em papel, com imagem de quatro homens trabalhando no corte de madeira em meio a mata, dois deles serram um tronco utilizando um traçador. Registro feito na primeira metade do Século XX.



Fonte: https://www.projetomuseuferroviario.com.br/construcao-nob-2/. Acesso em 11 de abril. de 2025.

## O declínio das ferrovias

Com o tempo, os investimentos nas ferrovias diminuíram e o transporte rodoviário ganhou espaço. Os trens de passageiros foram desativados em Bauru no ano de 2001. Atualmente, poucos trens passam pela estação, transportando apenas cargas.

No ano de 1989, o antigo prédio da Estrada de Ferro Noroeste se tornou sede do Museu Ferroviário Regional de Bauru. Hoje, o Museu guarda materiais das três ferrovias que operaram na cidade, ajudando a preservar essa história.

## A Pinacoteca e a história de Bauru

Você já parou para pensar em como as cidades mudam com o tempo? Surgem novas construções, ruas são abertas e prédios históricos ganham novas funções. Em Bauru, um dos lugares que ajuda a contar essa história é a Pinacoteca Municipal, um espaço onde a arte e a memória da cidade se encontram.

Assim como vimos com as ferrovias, que ajudaram Bauru a crescer e se desenvolver, os prédios também contam muito sobre o passado. Quando os trens trafegavam para o transporte de mercadorias e pessoas, muitas cidades cresceram ao redor das estações ferroviárias. Bauru foi um exemplo disso.

Fig. 19 - Fachada da Casa Ponce Paz, Pinacoteca Municipal de Bauru - Software Google Earth ®.




Fonte: https://earth.google.com/web/search/Pinacoteca+Municipal+de+Bauru+-+Casa+Ponce+Paz. Acesso em 02 de mar. de 2025.

Com a chegada dos trens, os materiais de construção vinham de longe para erguer prédios que, também, fazem parte da história da cidade. Um exemplo é a Casa Ponce Paz, construída em 1938. Muitas peças usadas em sua construção vieram de outros países em navios e, depois, chegaram a Bauru através dos trens. A Casa Ponce Paz passou por várias reformas ao longo dos anos, mas ainda guarda características de diferentes épocas e estilos específicos, sendo um marco histórico da construção e evolução da cidade de Bauru.

## Casa Ponce Paz: uma construção que conta histórias

Fig. 20 - Painel de azulejaria.



Fonte: https://sites.bauru.sp.gov.br/pinacoteca/casaponce.aspx. Acesso em 12 de abril. de 2025.

Fig. 21 - Com muito cuidado e dedicação, os funcionários começam a limpeza das paredes.



Fonte: https://sites.bauru.sp.gov.br/pinacoteca/casaponce.aspx. Acesso em 12 de abril. de 2025.

O projeto da casa foi feito em 1938 pelo arquiteto João Cacciola, para ser a residência do senhor Alfredo Fígaro. Ele viveu ali até a década de 1950. Depois, a casa passou para a família Rino, que morou no local até 1960. Já no fim da década de 60, o prédio foi vendido para o Tribunal Regional do Trabalho de São Paulo, que utilizou o espaço como Arquivo Morto da Justiça do Trabalho.

Com o passar dos anos, a casa passou por várias reformas. Por isso, ela mistura estilos arquitetônicos diferentes, com muitos detalhes decorativos que chamam a atenção. Um exemplo é o belo painel de azulejos no jardim, que ainda está lá e mostra o cuidado artístico da construção.

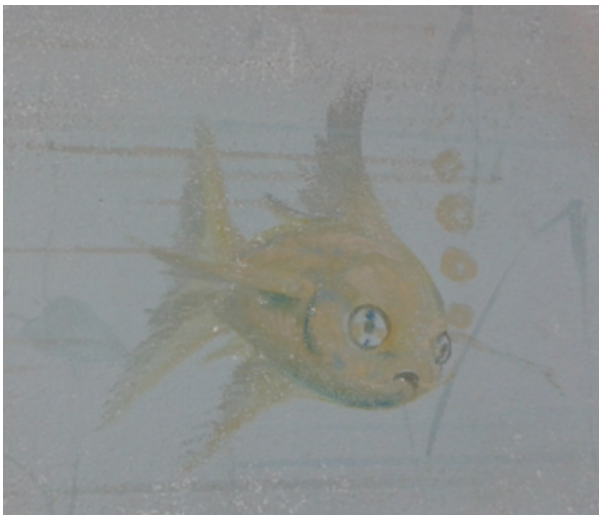
Depois de algum tempo sem uso, em 2008 a Secretaria Municipal de Cultura passou a avaliar o espaço para transformá-lo em um lugar dedicado à arte. Durante esse processo, algo muito

curioso aconteceu: ao descascar um pedacinho da tinta branca que cobria as paredes, os funcionários encontraram pinturas escondidas. Eram pinturas murais feitas com a técnica chamada "a seco". As imagens revelaram o estilo decorativo da época e mostram uma forte influência europeia, muito comum nas construções do início do século XX.

No mesmo ano, Leda Ponce Paz, filha do artista João Ponce Paz, viu uma reportagem sobre a descoberta e procurou a equipe da Secretaria Municipal da Cultura. Durante uma visita à antiga casa, Leda contou uma lembrança de infância: ela viu seu pai pintando peixinhos em um dos banheiros da casa.

Com essa pista, os profissionais voltaram ao local indicado e, ao retirarem a tinta branca, lá estavam os peixes. Foi assim que descobriram que os autores das obras eram os irmãos João e Antônio Ponce Paz e por isso, a casa recebeu o sobrenome deles como forma de homenagem.

Fig. 22 - O peixinho.



Fonte: https://sites.bauru.sp.gov.br/pinacoteca/casaponce.aspx. Acesso em 12 de abril. de 2025.

Fig. 23 - Irmãos Ponce Paz na década de 50: 1. Francisco, 2. Antônio, 3. Salvador e 4. João.




Fonte: https://sites.bauru.sp.gov.br/pinacoteca/casaponce.aspx. Acesso em 12 de abril. de 2025.

A partir de 2009, a casa passou a receber atividades culturais e cursos ligados às artes visuais. E em 2014, se tornou oficialmente a Pinacoteca Municipal de Bauru, guardando obras importantes dos irmãos Ponce Paz e de outros artistas. Assim, a Casa Ponce Paz se tornou não apenas um espaço cultural, mas também um verdadeiro retrato do passado, onde cada detalhe conta uma parte da história da cidade.

# Preservando o passado, construindo o futuro: a arte como registro do tempo

Hoje, a Casa Ponce Paz abriga a Pinacoteca Municipal de Bauru. Mas, você sabe o que é uma pinacoteca? Esse nome vem do grego e significa "sala com coleção de pinturas". Isso porque uma pinacoteca é um lugar onde são guardadas e expostas obras de arte, como um museu dedicado à arte.

Fig. 24 - Registro da Exposição do acervo da Pinacoteca Municipal de Bauru em 2015.



Fonte: https://www2.bauru.sp.gov.br/materia.aspx?n=21210. Acesso em 12 de abril. de 2025.

Na Pinacoteca Municipal de Bauru, o acervo foi formado a patir de doações de artistas e colecionadores. As obras que estão lá ajudam a contar a história da cidade e das pessoas que viveram aqui. Algumas pinturas retratam paisagens que já não existem mais, outras mostram como eram os trajes de antigamente. A arte, assim como os trilhos do trem, nos ajuda a viajar no tempo e entender as mudanças que aconteceram ao longo dos anos.

Mas, a arte não fala só do que já passou. Ela também nos ajuda a pensar o presente e imaginar o futuro. Muitas obras retratam a natureza ao redor de Bauru, como o Cerrado e a Mata Atlântica, biomas que foram muito impactados pelo crescimento da cidade. Ao olhar para essas imagens, refletimos sobre tudo o que foi perdido e sobre o que ainda pode ser cuidado e protegido.

A Casa Ponce Paz, assim como a arte que ela abriga, mostra que preservar o passado é uma forma de construir o futuro. Os prédios antigos, as obras de arte, os trilhos da ferrovia...todos são pedaços de uma história que continua sendo escrita por nós. E cabe a cada geração aprender com essas memórias, para transformar o mundo com mais consciência e respeito.

## Tema-problema

# Nossa história: destruição e preservação

### Referências Artísticas

- Irineu Nje’a
- João Ponce Paz

# Olhares que pintam: histórias que a arte conta

A arte também pode ser uma ponte entre o passado e o presente, ajudando a contar a história das pessoas, das cidades e até da natureza ao nosso redor. Por meio de cores, formas e detalhes, os artistas mostram aquilo que viveram, sentiram ou imaginaram. Cada obra é como uma janela que se abre para um tempo, um lugar ou uma ideia.

Irineu Nje'a e João Ponce Paz são dois artistas que, com muita sensibilidade, registraram em suas obras paisagens, cenas e sentimentos que fazem parte da nossa história. Suas pinturas guardam memórias importantes sobre o crescimento da cidade, e a relação desse crescimento com os povos originários que habitavam a região e com o meio ambiente.

Nas próximas páginas, observe com atenção os detalhes das obras desses artistas.

- Que questões da sociedade aparecem nas obras?
- Quais sentimentos essas obras despertam em você?
- Quais elementos chamam mais a sua atenção?
- Qual a história que essas obras contam para você?
- O que mais você vê?

Olhe com atenção cada obra, repare em tudo o que elas mostram, use a sua imaginação para descobrir histórias, sentimentos e ideias que moram dentro das imagens. Vamos juntos explorar esse mundo cheio de cores, sentidos e descobertas que a arte nos oferece a cada olhar.

Fig. 25 - “Dilúvio de chumbos Corpos-Dormente”. Irineu Nje’a. 2024, Técnica mista, 225cm. x 255cm.




Fonte: arquivo pessoal da autora. Reprodução autorizada pelo artista.

# Sobre o Artista:
# Irineu Nje'a

Fig. 26 - Irineu Nje'a.



Fonte: Arquivo disponibilizado pelo artista.

Irineu Nje'a é um artista indígena pertencente à etnia Terena, originário da aldeia Kopenoti, no estado de São Paulo. Atualmente, vive em contexto urbano na cidade de Bauru/SP. Ceramista autodidata, Irineu conduz o Ateliê Terena - Arte Indígena, onde desenvolve obras em cerâmica que dialogam profundamente com a cultura Terena de Araribá, promovendo o fortalecimento, preservação e valorização.

Formado em História, com especialização em Antropologia, Irineu atua há mais de 20 anos como defensor e promotor contínuo da cultura indígena. Sua trajetória artística reflete uma forte abordagem contra a colonização, utilizando múltiplas linguagens para expressar suas ideias, como cerâmica, desenhos, performances, palestras, literatura e teatro.

A cerâmica, em especial, tornou-se a base de seu trabalho, sendo o veículo principal para retratar a identidade, a história e os saberes de seu povo Terena. Sua obra não apenas resgata tradições, mas também propõe reflexões críticas sobre o lugar da cultura indígena na contemporaneidade.

Informações disponibilizadas pelo artista.

# Sobre a obra:

## “Dilúvio de chumbos Corpos-Dormente”

A arte também pode ser uma forma de luta. A obra **"Dilúvio de chumbo Corpos-Dormente"**, criada pelo artista Irineu Nje’a e apresentada na Exposição “Visualidade Simultânea V”, realizada na Pinacoteca Municipal de Bauru, nos convida a conhecer uma parte da história da região onde vivemos.



Fonte: arquivo pessoal da autora. Reprodução autorizada pelo artista.

Ela fala sobre os povos indígenas que viviam aqui, no interior de São Paulo, antes da chegada dos chamados “pioneiros”, pessoas que vieram ocupar essas terras e usaram a força para isso. Os povos Kaingang, Oti-Xavante e Guarani moravam nessa região, conhecida antigamente como Sertão de Bauru. Eles tinham suas próprias culturas, línguas e modos de vida. Mas, quando a ferrovia começou a se desenvolver, os indígenas foram expulsos, atacados e muitos foram mortos.

As esculturas de cerâmica em formato de cabeças feitas por Irineu, representam as três etnias originárias da nossa região. Observam-se buracos nas orelhas, que representam os tiros de arma de fogo sofridos por esses povos, sendo uma forma de mostrar a violência que aconteceu, e que muitas vezes foi esquecida.

O nome da obra também traz uma relação poética da história:

- Dilúvio: lembra a história dos Kaingang, que dizem ter surgido depois de um grande dilúvio de água.
- Chumbo: representa os tiros das espingardas que mataram muitos indígenas.

- Corpos: são os corpos das pessoas que morreram.
- Dormente: é uma peça de madeira usada para sustentar os trilhos dos trens. Cada dormente representa uma vida que foi tirada para que a ferrovia fosse construída.

Os poucos Kaingang que sobreviveram foram levados para reservas indígenas, como a Terra Indígena Araribá, fundada em 1910, que fica a cerca de 50 quilômetros de Bauru. Essas reservas funcionavam como lugares vigiados, onde os indígenas eram controlados quando saíam ou entravam. Os Oti-Xavante, infelizmente, foram todos mortos.

A obra também fala que para construir a Estrada de Ferro Noroeste do Brasil e abrir espaço para rodovias e bairros, foi preciso derrubar grande parte do cerrado, que é uma vegetação típica dessa região. Muitas máquinas e vagões que antes simbolizavam o progresso agora estão abandonados, apodrecendo na paisagem de Bauru. O artista retrata, também, os rios da cidade, que hoje estão poluídos.

Irineu usa a arte para que a gente não esqueça dessa parte da história. Observar essa obra com atenção é uma forma de refletirmos sobre o respeito aos povos originários e suas culturas, o respeito a nossa história, o respeito ao meio ambiente e o respeito ao lugar onde vivemos.

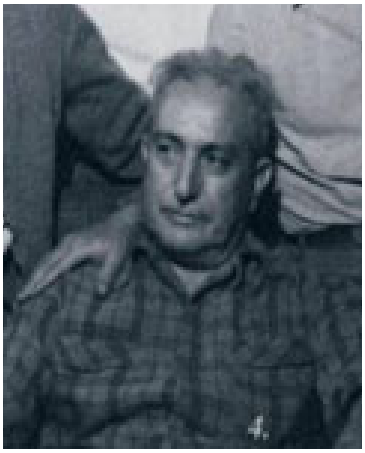
Fig. 28 - “Av. Rodrigues Alves – Bauru”. João Ponce Paz. 1980, Óleo sobre eucatex.




Fonte: Acervo da Pinacoteca Municipal de Bauru.

# Sobre o Artista: João Ponce Paz

Fig. 29 - João Ponce Paz.



Fonte: https://sites.bauru.sp.gov.br/pinacoteca/casaponce.aspx. Acesso em 12 de abril. de 2025. (Recorte realizado pela autora.)

João Ponce Paz nasceu em 1900, na Espanha. Ainda pequeno, veio com sua família para o Brasil e viveu nas cidades de Jaú e depois em Bauru, no interior de São Paulo. No início da juventude, entre 1920 e 1930, morou na capital paulista, onde conheceu muitos artistas e passou a frequentar diversos ateliês.

Naquela época, os ateliês eram espaços muito importantes, onde os artistas se reuniam para criar e trocar experiências. Outra prática frequente da época era desenhar paisagens ao ar livre, retratando a natureza e o dia a dia das cidades. Nessas atividades, João registrava em suas pinturas como eram os lugares, as roupas, as casas e até os sentimentos das pessoas naquela época, deixando marcas importantes de como era a vida no Brasil.

Após essa fase em São Paulo, João voltou para Bauru, onde passou a viver definitivamente. Seu estilo de pintura era o impressionismo, que se caracteriza por mostrar as sensações do momento, a luz e as cores da natureza. Ele dizia que gostava de pintar figuras humanas, mas que era na paisagem que encontrava mais inspiração, porque, para ele, a natureza era tudo.

Além da pintura a óleo, elaborava obras com pastel, têmpera, carvão e mosaico, trabalhando também com decoração de casas com desenhos e ornamentos que estavam na moda naquela época.

Ele defendia a importância da criação de uma casa da cultura no centro de Bauru, com entrada gratuita, para que mais pessoas pudessem ter acesso à arte e aprender com ela. João Ponce Paz faleceu em 1994, mas suas obras continuam vivas, revelando um olhar sensível sobre a vida, as pessoas e as paisagens.

Informações disponibilizadas no Vol. 2 da coleção Bauru Sempre - Irmãos Ponce, A Arte nas Cores. Produzido pelo Projeto Memória Cultural de Bauru e Região, acervo do Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica de Bauru e Região, da USC. 1987.

# Sobre a obra:

## “Av. Rodrigues Alves - Bauru”



Fig. 30 - Fonte: acervo da Pinacoteca Municipal de Bauru.

Na pintura feita em 1980, João Ponce Paz registra um cruzamento de uma rua com uma das principais avenidas do centro de Bauru: a Avenida Rodrigues Alves com a Rua Antônio Alves. À esquerda, vemos a torre da Catedral do Divino Espírito Santo, que fica em frente a Praça Rui Barbosa, e à direita, o edifício Terra Branca. Com pinceladas rápidas e cores suaves, o artista impressionista eterniza o cotidiano da cidade, pessoas caminhando, um motociclista passando, vitrines, sombras e luzes.

Hoje, ao compararmos o mesmo local registrado em uma fotografia datada de novembro de 2024, percebemos o quanto a cidade mudou. João Ponce Paz documentou a história urbana em suas pinturas, com sensibilidade e atenção detalhes, nos deixou memórias visuais de uma Bauru que continua viva em cada traço, ainda que em constante transformação.




Fig. 31 - Fonte: Software Google Earth ® - https://earth.google.com/web/search/Av.+Rodrigues+Alves+-+Jardim+Guadalajara,+Bauru+-+SP. Acesso em 25 de abril. de 2025.

# Olhando com outros olhos: o passado, o presente e a arte

Nessa seção, aprendemos como a história da nossa cidade foi sendo construída ao longo do tempo. Conhecemos o papel das ferrovias no desenvolvimento de Bauru e também refletimos sobre as consequências que esse crescimento trouxe para a natureza e para os povos indígenas que aqui viviam.

Através das obras do artista Irineu Nje'a, vimos como a arte pode ser uma forma de resistência, memória e luta por justiça. Já com João Ponce Paz, entendemos como a arte pode registrar paisagens, cenas e sentimentos de uma época, ajudando a manter viva a história da cidade.

Agora é a sua vez de observar, imaginar, refletir e criar.

- Que histórias você quer contar?
- Que paisagens deseja registrar?
- Que sentimentos o mundo à sua volta desperta em você?

Na seção "Refletindo e Criando", será a sua vez de imaginar, criar e dar forma às suas ideias. A sua arte mostra como você enxerga o mundo e pode, também, fazer outras pessoas pensarem de um jeito diferente.

Com lápis, tintas ou palavras, você pode contar histórias, guardar memórias e inspirar mudanças.

Vamos juntos nessa jornada criativa?

## Tema-problema

# Vida terrestre: flora



# Vidas ameaçadas: histórias da nossa flora

Você sabia que as plantas também têm histórias para contar?

Sim! As plantas estão aqui há milhões de anos e também fazem parte da história do nosso planeta. Estudar uma árvore antiga ou uma flor rara é como abrir um livro da natureza, cheio de segredos sobre a vida, o clima, os solos e os animais que já passaram por ali.

Mas, muitas dessas histórias estão correndo o risco de nunca mais serem contadas. Isso acontece porque a flora, que é o conjunto de todas as plantas de um lugar, está em perigo em várias partes do mundo, inclusive aqui, na nossa região.

Vamos entender essa história juntos?

## Crescimento e desmatamento: a história que também cortou raízes

Antes de se tornar uma cidade com ruas, casas e trens, a região de Bauru era coberta por uma vegetação rica e diversa: cerrado, matas ciliares e áreas alagadas. Esses ambientes eram o lar de plantas únicas e de muitos animais que viviam em equilíbrio com a terra.

Mas, com a chegada dos colonizadores e o início da construção das primeiras fazendas, tudo mudou. Grandes áreas de vegetação foram derrubadas para dar lugar às plantações de monocultura, para a criação de gado, para abrir espaço para as ferrovias e para o crescimento da cidade. Árvores foram cortadas, brejos foram aterrados, o solo foi exposto e muitos rios perderam sua proteção natural. Esse processo, chamado de ocupação territorial, aconteceu em muitas cidades do Brasil e quase sempre teve como consequência o desmatamento de grandes áreas naturais.

A história de Bauru, como a de muitas outras cidades, mostra como o crescimento rápido e sem planejamento pode prejudicar a flora e todo o meio ambiente da região. Por isso, é tão importante entender como as nossas ações estão ligadas à vida das plantas e o quanto cuidar da flora é essencial para proteger o equilíbrio do planeta.

## O que é a flora e por que ela é tão importante?

Flora é o nome que damos ao conjunto de todas as plantas de uma região. Ela pode ser composta por diversos tipos de plantas como árvores, arbustos, gramíneas e até mesmo plantas aquáticas.

A flora é responsável principalmente por produzir oxigênio, proteger o solo contra a erosão, auxiliar no armazenamento de água no subsolo, alimentar e abrigar os animais. Sem as plantas, a natureza entra em desequilíbrio: o solo fica seco, os rios secam, o calor aumenta e os animais perdem os seus lares e alimentos.

As plantas também fazem parte da nossa vida: ajudam a curar doenças (plantas medicinais), nos alimentam e nos fornecem matéria prima para diversas atividades, como a madeira, por exemplo.

Mas, infelizmente, muitas espécies de plantas estão desaparecendo. Isso acontece por causa do desmatamento, das queimadas, da poluição e da construção de cidades e estradas.

Cada planta que some leva com ela um pedaço da história do planeta Terra e também uma chance de cuidar do nosso futuro, por isso os jardins botânicos são tão importantes.

## O que é um jardim botânico?

Jardim botânico é um lugar que cuida e protege plantas raras, nativas e ameaçadas de extinção. Diferente dos parques, que são usados apenas para lazer, os jardins botânicos servem para:

- Proteger espécies importantes da natureza;
- Restaurar áreas destruídas;
- Ensinar as pessoas sobre a importância da flora;
- Produzir conhecimento científico.

Eles funcionam como museus vivos, pois guardam e exibem coleções de plantas, assim como um museu exibe obras de arte. Mas, ao contrário de um museu tradicional, as plantas estão vivas e em constante crescimento.

Os jardins botânicos também funcionam como um hospital das plantas, protegendo e cuidando de espécies doentes, ameaçadas ou em extinção. Assim como os zoológicos, eles realizam projetos de reabilitação ou reintrodução de espécies na natureza, com o objetivo de restaurar áreas destruídas.

Além disso, as espécies vegetais são estudadas, organizadas, cultivadas com cuidado e documentadas por cientistas. Por isso, os jardins botânicos também guardam muitos conhecimentos científicos e podem ser utilizados como fonte de pesquisa por biólogos, agrônomos e ecologistas, como se fossem grandes bibliotecas verdes.

## O Jardim Botânico Municipal de Bauru

O Jardim Botânico Municipal de Bauru protege uma vegetação muito rara da nossa região: o cerrado, a floresta estacional semidecídual (que é um tipo de floresta que se caracteriza por apresentar uma estação seca bem definida, o qual algumas árvores perdem as suas folhas para economizar água) e a vegetação paludosa (que popularmente chamamos de brejo). Esses tipos de vegetação estão ameaçados por causa da expansão das cidades, da agricultura e da poluição.

Fig. 32 - Jardim Botânico Municipal de Bauru - registro feito por Fátima Sandrin em 2018.




Fonte: https://www2.bauru.sp.gov.br/semma/unidades_ambientais/jardim_botanico.aspx. Acesso em 25 de maio. de 2025.

No passado, a área do Jardim Botânico era parte da antiga fazenda Vargem Limpa. Por sorte, como o solo era arenoso e não servia para plantar café, a vegetação nativa foi preservada. Isso fez com que hoje esse lugar seja um verdadeiro “coração verde” da cidade de Bauru.

Hoje, o Jardim Botânico Municipal de Bauru também ensina crianças, jovens e adultos sobre como a natureza funciona, por que precisamos cuidar dela e como podemos fazer parte da preservação do meio ambiente.

É importante lembrar: o Jardim Botânico não é um parque qualquer. Ele é uma instituição científica que precisa ser respeitada, pois é um lugar de estudo, pesquisa e educação ambiental.

Fig. 33 - Coleção de pteridófitas, Jardim Botânico Municipal de Bauru - registro feito por Fátima Sandrin em 2018.




Fonte: https://www2.bauru.sp.gov.br/semma/unidades_ambientais/jardim_ botanico.aspx. Acesso em 25 de maio. de 2025.

Fig. 34 - Coleção de bromélias, Jardim Botânico Municipal de Bauru - registro feito por Fátima Sandrin em 2017.




Fonte: https://www2.bauru.sp.gov.br/semma/unidades_ambientais/jardim_ botanico.aspx. Acesso em 25 de maio. de 2025.

## Flora e água: uma parceria fundamental

As matas ciliares, que são as florestas que crescem perto dos rios, são fundamentais para manter a água limpa e os rios cheios. Elas seguram o solo, protegem as nascentes e alimentam o lençol freático (a água que corre por baixo da terra). Quando essas matas são destruídas, os rios perdem sua força, as nascentes secam e a qualidade da água piora.

Muitas dessas matas crescem em áreas alagadas, chamadas de vegetação paludosa. Ali vivem plantas únicas, que só existem nesse tipo de ambiente. Se essas áreas forem desmatadas, essas plantas desaparecem para sempre, junto com muitos animais que dependem delas.

## Flora e fauna: uma parceria que sustenta a vida

A flora (as plantas) e a fauna (os animais) dependem uma da outra para sobreviver. As plantas produzem oxigênio e alimento, servem de abrigo e ajudam a manter o clima e os solos saudáveis. Já os animais ajudam as plantas de várias formas: muitos polinizam flores, outros espalham sementes ao se alimentar de frutos, e até os alguns insetos e minhocas colaboram, mexendo na terra e mantendo o solo fértil.

Se as plantas forem destruídas, os animais perdem o que comer e onde viver. Se os animais desaparecerem, muitas plantas também não conseguem se reproduzir. Por isso, proteger a flora é também proteger a fauna, juntas, elas formam o equilíbrio da natureza.

## O que ameaça a flora?

Infelizmente, muitas atitudes humanas estão colocando a flora em perigo. Ao longo do tempo, as florestas e áreas naturais têm sido destruídas para dar lugar a cidades, plantações e estradas. Isso causa sérios problemas para o meio ambiente e para todos os seres vivos que dependem das plantas. Algumas das principais ameaças são:

- Desmatamento: florestas são cortadas para abrir espaço para construções ou plantações.
- Queimadas: o fogo, muitas vezes provocado de forma irresponsável, destrói áreas inteiras.
- Poluição: produtos químicos, lixo, esgoto e fumaça lançados no ar, na água e no solo prejudicam a saúde das plantas e dificultam seu crescimento.

Essas ações não afetam apenas as plantas. Quando uma planta desaparece, não é apenas uma folha que se vai, mas vai embora também um pedaço da história da Terra, uma possível cura para doenças, uma fonte de alimento e o lar de muitos animais.

Por isso, cuidar da flora é também cuidar do planeta e de nós mesmos.

## Tema-problema

# Vida terrestre: flora

### Referências Artísticas

- Adão Domiciano
- Thiago Mundano

# Raízes cortadas: imagens que falam

Quando uma árvore cai, não é só o tronco que vai ao chão. Junto com ela, desaparecem sementes, ninhos, sombras e histórias. O desmatamento não afeta apenas o que está visível, ele destrói tudo o que a floresta sustenta: a água, o ar, a vida.

Nas próximas páginas você vai conhecer dois artistas que transformam essa destruição em arte e denúncia.

Adão Domiciano e Thiago Mundano observam o que acontece com a natureza e com as pessoas que vivem perto dela, e então registram em suas obras as marcas deixadas pela ganância e pelo descaso com o meio ambiente.

Observe com atenção as próximas obras. Elas são denúncias pintadas, mensagens visuais, chamados urgentes.

- Que questões ambientais essas obras nos convidam a pensar?
- Quem está sendo ouvido? Quem está sendo ignorado?
- O que essas paisagens revelam sobre o nosso jeito de ocupar a terra?
- Que tipo de progresso está sendo mostrado ali?
- O que mais você vê?

Olhe com atenção cada obra, repare nos detalhes, nas cores, nos gestos, nas mensagens que elas transmitem. Use a sua imaginação para descobrir as histórias que essas imagens contam sobre a floresta, sobre a Terra e sobre as pessoas que lutam por elas.

Vamos juntos explorar esse caminho onde a arte questiona, denuncia e faz pensar.

Fig. 35 - “Amazônia  Tráfico I”. Adão Domiciano.  2006, Aquarela sobre papel, 42cm. x 62cm.



Fonte: https://sesc.digital/conteudo/artes-visuais/fichas-trocas-e-olhares-2. Acesso em 30 de maio. de 2025. Foto de Everton Ballardin.

# Sobre o Artista:
# Adão Domiciano

Adão Domiciano nasceu no Espírito Santo, em uma cidade chamada Ecoporanga, em 1969. Ainda bem pequeno, com apenas cinco anos, ele e sua família mudaram-se para o interior do Mato Grosso, numa região cheia de árvores, rios e campos, cenário que ele nunca mais esqueceu.

Foi nessa paisagem rural que Adão cresceu, observando a natureza ao seu redor e também as transformações causadas pelas mãos humanas. Essas lembranças da infância no campo se tornaram o coração da sua arte.

Fig. 36 - Adão Domiciano.



Fonte: https://www.facebook.com/photo/?fbid=3826391270905617&set=a.1376067272604708. Acesso em 30 de maio. de 2025.

Adão é um artista versátil: pinta com aquarela, tinta acrílica e óleo sobre tela. Suas obras mostram a beleza da terra, dos animais, das pessoas e dos modos de vida que muitas vezes estão desaparecendo. Ele nos convida a olhar para a natureza com mais atenção e respeito. Com suas pinturas cheias de histórias e cores, o artista nos mostra que a arte também pode denunciar, preservar e fazer pensar. Ao representar a natureza e os impactos da ação humana sobre ela, ele convida quem observa suas obras a refletir sobre o que estamos fazendo com o nosso planeta.

Informações baseadas no material pedagógico “Trocas e Olhares 2 - Acervo Sesc de Arte - Fichas”. Disponível em: https://sesc.digital/conteudo/artes-visuais/fichas-trocas-e-olhares-2. Acesso em 30 de maio. de 2025.

# Sobre a obra:

## “Amazônia Tráfico I”



Fig. 37 - Fonte: https://sesc.digital/conteudo/artes-visuais/fichas-trocas-e-olhares-2. Acesso em 30 de maio. de 2025. Foto de Everton Ballardin.

Na obra **“Amazônia Tráfico I”**, o artista Adão Domiciano nos mostra, com muitos detalhes, uma cena triste e real: o desmatamento ilegal.

A imagem mostra caminhões saindo da floresta em fila, carregados de troncos cortados. O título da obra já diz muito: “Tráfico”. Isso significa que aquela madeira está sendo retirada de forma ilegal, sem respeito à natureza. Essa pintura é uma denúncia visual.

Adão Domiciano usa suas obras para falar sobre a destruição das florestas, os incêndios, e a transformação das matas nativas em pastos para o gado e em plantações. Nas obras o artista retrata, principalmente, paisagens do Estado do Mato Grosso, onde ele vive, uma região que é uma das mais exploradas do Brasil quando se trata de retirada de madeira da floresta.

Ele acredita que a arte pode ensinar, fazer refletir e transformar. Por isso, ele também defende que as escolas incentivem os estudantes a observarem obras como essa, que não servem apenas para enfeitar, mas para mostrar realidades que precisamos mudar.

Informações baseadas no material pedagógico “Trocas e Olhares 2 - Acervo Sesc de Arte - Fichas”. Disponível em: https://sesc.digital/conteudo/artes-visuais/fichas-trocas-e-olhares-2. Acesso em 30 de maio. de 2025.

Fig. 38 - “Stop the destruction #keep your promise” (Pare a destruição #mantenha sua promessa). Thiago Mundano.  2024, Grafite, 48m x 30m.




Fonte: https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2024/10/23/parem-a-destruicao-mundano-inaugura-mural-gigante-no-centro-de-sp-feito-com-cinzas-de-queimadas-e-lamas-de-enchente.ghtml. Acesso em 01 de jun. de 2025.

# Sobre o Artista: Thiago Mundano

Fig. 39 - Thiago Mundano.



Fonte: https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoas/49204-mundano. Acesso em 30 de jun. de 2025. Registro fotográfico: Marcus Leoni.

Thiago Mundano nasceu em São Paulo, em 1986. Durante a adolescência, ele começou a se interessar pelo grafite, mas não pintava só por diversão: Mundano queria conversar com as pessoas por meio da arte e mostrar problemas que muitas vezes ninguém vê, como a falta de cuidado com o meio ambiente e as desigualdades sociais.

Em seus grafites, Mundano costuma usar frases diretas, como se fossem recadinhos para quem passa na rua. Ele chama esse estilo de grafite “paporreto”, ou seja, um jeito direto de se comunicar com todos.

Um dos projetos mais conhecidos de Mundano é o “Pimp My Carroça”. Tudo começou quando o artista pintou a carroça de um catador de materiais recicláveis, chamando a atenção para o trabalho desses profissionais. O projeto cresceu e passou a oferecer melhorias nas carroças, além de cuidar da saúde e do bem-estar dos catadores. A primeira ação foi em São Paulo, em 2012, e depois o projeto foi levado para outras cidades do Brasil e até para outros países como o Chile e os Estados Unidos.

Além do grafite, o artista também cria obras com materiais reciclados ou retirados de lugares afetados por desastres. Mundano chama seu trabalho de Artivismo, que é a mistura de arte com ativismo. Ele usa sua arte para lutar por um mundo melhor. Já participou de exposições e palestras em muitos países e recebeu vários prêmios por suas ideias criativas e seu esforço em ajudar os outros.

Hoje, Mundano é conhecido no Brasil e no mundo por transformar a cidade em uma grande galeria de arte, onde a arte pode ser uma ferramenta poderosa para proteger o planeta e lutar por um mundo mais justo.

Informações baseadas no texto publicado pela “Enciclopédia Itaú Cultural”. Disponível em: https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoas/49204-mundano. Acesso em 01 de jun. de 2025.

# Sobre a obra:

## “Stop the destruction #keep your promise”
## (Pare a destruição #mantenha sua promessa)




Fig. 40 - Fonte: https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2024/10/23/parem-a-destruicao-mundano-inaugura-mural-gigante-no-centro-de-sp-feito-com-cinzas-de-queimadas-e-lamas-de-enchente.ghtml. Acesso em 01 de jun. de 2025.

Em outubro de 2024, o artista Thiago Mundano criou o mural **“Stop the destruction #Keep your promise” (Pare a destruição #Mantenha sua promessa)**, cobrindo a lateral inteira de um prédio no centro de São Paulo.

Para criar a obra, Mundano não usou tintas comuns: ele misturou cinzas de queimadas da Amazônia, do Cerrado, do Pantanal e da Mata Atlântica, além de lama das enchentes no Rio Grande do Sul. Também usou pigmentos naturais de terras indígenas, como argilas e urucum. Tudo isso para transformar o que foi destruído em uma arte que denuncia os problemas causados ao meio ambiente no Brasil.

No centro do mural está o rosto da ativista indígena Alessandra Korap, uma mulher pequena no tamanho, mas enorme na força. Alessandra mede 1,39m de altura e está representada em um mural de 1.500 m², enviando uma mensagem poderosa para o mundo inteiro.

Ela segura um cartaz escrito em inglês: “Stop the destruction. Keep your promise”. Em português: “Parem a destruição. Mantenham sua promessa”.

Essa frase é direcionada a grandes empresas do agronegócio, especialmente à multinacional Cargill, que é uma das maiores exportadoras de soja e milho do Brasil e que prometeu proteger a natureza, mas, segundo Mundano e outros ativistas, não está cumprindo o que disse.

A mensagem está em inglês de propósito, para alcançar os donos e líderes dessas empresas que vivem fora do Brasil, mas que têm grande impacto sobre nosso território, nossas florestas e nossas águas.

A multinacional Cargill respondeu à imprensa dizendo que respeita a liberdade de expressão do artista e que continua com seu compromisso de eliminar o desmatamento em suas produções.

Com essa obra, Mundano nos lembra que a destruição da natureza não é um acidente, mas uma escolha feita por quem lucra com isso. E que enquanto a ganância continuar acima da vida, cabe a todos nós falar, agir e cobrar mudanças reais.

Informações baseadas em matérias jornalísticas de divulgação da obra. Disponível em: https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2024/10/23/parem-a-destruicao-mundano-inaugura-mural-gigante-no-centro-de-sp-feito-com-cinzas-de-queimadas-e-lamas-de-enchente.ghtml e https://veja.abril.com.br/agenda-verde/sao-paulo-ganha-mural-gigante-que-pede-um-basta-a-destruicao-da-amazonia/. Acesso em 01 de jun. de 2025.

# Olhar atento: o que a arte revela sobre a natureza

Nesta seção, aprendemos que a flora é essencial para manter a vida no planeta Terra e que o desmatamento, as queimadas e a poluição colocam em risco não apenas as florestas, mas também a água, o solo, os animais e as pessoas.

Também, conhecemos artistas que usam a arte como forma de denúncia.

Adão Domiciano mostra, em suas pinturas, os impactos da destruição da natureza.

Thiago Mundano transforma materiais como cinzas e lama em protestos visuais contra quem contribui com o desmatamento.

Ambos nos ensinaram que a arte pode nos levar a reflexões profundas e provocar mudanças no mundo.

Agora, é a sua vez:

- O que você sente quando pensa nos problemas que a humanidade está causando na natureza?
- Quais paisagens você quer proteger com a sua arte?
- Qual mensagem você gostaria de deixar para o mundo?

Na seção “Refletindo e Criando”, você será convidado a imaginar, criar e dar forma às suas próprias ideias.

Com desenhos, pinturas ou colagens, você também pode contar histórias, fazer perguntas e propor mudanças.

Vamos juntos transformar o que aprendemos em arte?

## Tema-problema

# Vida terrestre: fauna



# Vidas ameaçadas: histórias da nossa fauna

Você já parou para pensar por que alguns animais estão desaparecendo do nosso planeta? Ou por que alguns animais vivem nos zoológicos e não nas florestas?

A natureza está cheia de histórias. Histórias de animais que voam, correm, se escondem, e vivem em equilíbrio com a Terra. Mas, muitas dessas histórias estão sendo interrompidas. Alguns animais não encontram mais abrigo, outros não conseguem alimento e muitos estão desaparecendo para sempre.

Por que isso está acontecendo? O que temos a ver com isso?

Vamos conhecer essas histórias, entender suas causas e descobrir como podemos mudar essa realidade?

## Antes das cidades, a natureza era a casa de todos

Antes das cidades, das estradas e das construções, a natureza era o cenário principal. Florestas densas, rios limpos e campos abertos eram o lar de milhares de espécies. Na região onde hoje está Bauru, por exemplo, viviam povos indígenas, como os Kaingangs, que respeitavam os ciclos naturais e conviviam com a fauna local em equilíbrio.

Com a chegada dos colonizadores, tudo mudou. As florestas foram desmatadas para dar lugar às plantações, aos trilhos das ferrovias e, mais tarde, às rodovias. A cidade cresceu, o comércio se fortaleceu, e a urbanização avançou.

Mas, esse crescimento teve um preço: muitas vidas foram interrompidas, tanto humanas quanto animais. A vegetação nativa foi quase toda substituída, e a fauna perdeu espaço, alimento e proteção.

## Quando os lares naturais desaparecem

Bauru está localizado entre dois biomas muito importantes: o Cerrado e

a Mata Atlântica. Esses biomas possuem uma grande biodiversidade, ou seja, uma enorme variedade de plantas, animais e micro-organismos.

Com o avanço das plantações, da criação de gado e da urbanização, boa parte da vegetação original foi destruída. Isso causou a redução e a fragmentação dos habitats naturais, o que afeta diretamente a sobrevivência da fauna.

Animais como onças-pardas, tamanduás, veados, cutias, corujas e curicacas passaram a ter mais dificuldade para encontrar abrigo, alimento e espaço para viver. A perda de habitat desequilibra todo o ecossistema, pois cada animal tem uma função importante na cadeia alimentar.

Por exemplo: se um predador desaparece, o número de presas pode aumentar muito. Isso pode acabar prejudicando também a vegetação, pois esses animais se alimentam de plantas. É um efeito em cadeia. A extinção de uma única espécie pode desequilibrar todo o ambiente.

## Perigos que ameaçam a continuidade da vida

Além da destruição dos habitats, existem outras ameaças graves para a fauna brasileira:

- Atropelamentos nas rodovias: muitos animais são mortos ao tentar atravessar estradas. Segundo o Centro Brasileiro de Ecologia de Estradas, cerca de 475 mil animais são atropelados todos os anos no Brasil.

- Tráfico de animais silvestres: o Brasil perde cerca de 38 milhões de animais por ano para essa prática ilegal. Muitos morrem antes mesmo de chegar ao destino.

- Caça ilegal, introdução de espécies exóticas, pesca predatória, queimadas, choques em redes elétricas e ataques de animais domésticos também ameaçam as espécies silvestres.

Todos esses fatores juntos colocam em risco a existência de muitos animais.

## Proteger, educar e transformar: os zoológicos

Muitos animais que não podem mais viver na natureza encontram abrigo nos zoológicos.

Antigamente, os animais eram capturados e levados para palácios e impérios para exibição. Muitas vezes, eram usados como entretenimento em lutas ou exibidos em espetáculos. Não havia preocupação com o bem-estar ou a preservação das espécies.

Fig. 41 - Filhotes de lobo-guará com pouco mais de dois meses nascidos no Parque Zoológico Municipal de Bauru em 2019.



Fonte: https://g1.globo.com/sp/bauru-marilia/noticia/2019/08/22/filhotes-de-lobo-guara-sao-colocados-em-exposicao-no-zoologico-de-bauru.ghtml. Acesso em 27 de abril. de 2025. Foto: Nayara Campos/Prefeitura de Bauru.

Com o tempo, essa visão foi mudando. As pessoas passaram a entender que os animais também têm direitos e precisam ser respeitados. Surgiram, então, os zoológicos modernos, que têm quatro pilares como missão:

- Conservar as espécies;
- Educar a população para proteger o meio ambiente;
- Realizar pesquisas;
- Promover o bem-estar animal.

O Zoológico Municipal de Bauru, fundado em 1980, segue esses quatro pilares. Abrigando aves, mamíferos, répteis e peixes, alguns animais nasceram ali, outros foram resgatados de situações de risco, como tráfico ou atropelamentos. No caso dos animais vindos da natureza, após o tratamento adequado, quando possível, são devolvidos ao seu habitat.

O zoológico cuida dos animais com seriedade: oferece alimentação equilibrada, tratamento veterinário e recintos planejados para simular seus ambientes naturais. A equipe, formada por biólogos, veterinários, zootecnistas e tratadores, trabalha todos os dias pela sobrevivência da nossa fauna.

## A conservação ex situ e o futuro

Fig. 42 - Filhote de tamanduá Bandeira nascido no Parque Zoológico Municipal de Bauru em 2016.



Fonte: https://g1.globo.com/sp/bauru-marilia/noticia/2016/03/filhote-de-especie-brasileira-ameacada-de-extincao-nasce-em-bauru. Acesso em 27 de abril. de 2025.

A conservação feita em zoológicos é chamada de ex situ, ou seja, fora do habitat natural. Ela serve para proteger espécies que estão ameaçadas e não conseguem mais sobreviver sozinhas em seus habitats.

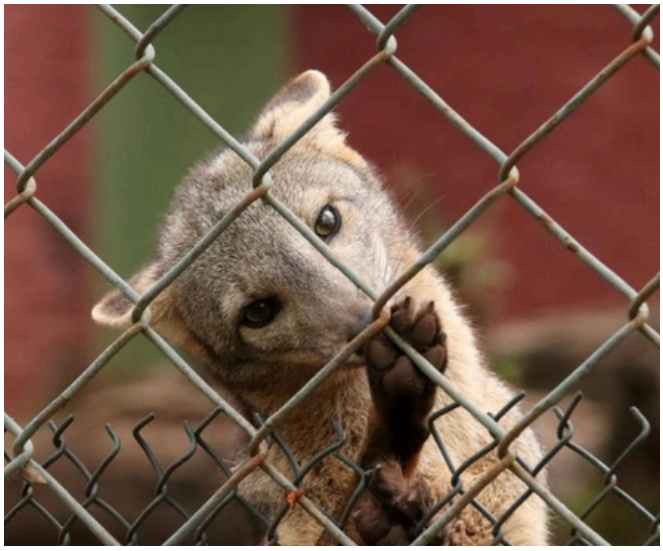
A conservação ex situ é importante porque, em alguns casos, a única chance de sobrevivência de uma espécie é sob cuidados humanos. Mas, é importante lembrar: não adianta salvar os animais se a natureza continuar sendo destruída. A conservação ex situ só funciona se houver um esforço conjunto para proteger também os habitats naturais.

## Preservar é garantir que a história continue

Cada animal tem uma história. Quando ele desaparece, não é só a sua vida que se perde, é também a chance de manter o equilíbrio da natureza e de aprender com ela.

A vida na Terra depende do equilíbrio entre todos os seres vivos. Cada animal, por menor que seja, tem um papel importante na natureza e a degradação ambiental coloca tudo isso em risco.

Fig. 43 - Cachorro-do-mato no Parque Zoológico Municipal de Bauru, registro feito em 2022.



Fonte: https://www2.bauru.sp.gov.br/materia.aspx?n=41348. Acesso em 27 de abril. de 2025. Foto: Priscila Medeiros/Prefeitura de Bauru.

Proteger a fauna é uma escolha coletiva e urgente.

Quando refletimos sobre as causas e enfrentamos os problemas de forma consciente, ajudamos a garantir um futuro melhor para todos os seres, humanos e não humanos.

Informações baseadas no texto de apoio para a visita ao Parque Zoológico Municipal de Bauru. Programa de Educação Ambiental (PMEA).

## Tema-problema

# Vida terrestre: fauna

### Referências Artísticas

- Gau Luz
- Maria Lira Marques

# Vestígios de vida: memórias da fauna

Observar a natureza é também observar histórias. Cada pedaço de terra tem marcas do tempo, das plantas, dos animais, da cultura e das pessoas que passaram por ali. A arte pode ser uma forma de revelar essas histórias e provocar reflexões sobre o mundo em que vivemos.

As artistas Gau Luz e Maria Lira Marques criam obras que nos fazem olhar para a Terra, para as tradições e para as feridas deixadas pela degradação ambiental e pelas injustiças sociais. Elas não pintam apenas o que veem, suas obras são cheias de sentidos, vozes e memórias.

As obras dessas artistas nos convidam a olhar o mundo com mais cuidado e a refletir sobre as nossas ações. Ao observar as obras a seguir, tente perceber:

- O que chama sua atenção logo de início? E o que só percebe ao olhar com mais calma?
- Você sente que há alguma história sendo contada na obra? Que tipo de história seria essa?
- Se essa imagem tivesse um som ou uma voz, o que você acha que ela diria?
- Quais sentimentos as obras despertam em você?
- O que mais você vê?

Observe com calma cada detalhe: as formas, as cores, os materiais utilizados, os sinais deixados pelas artistas. Pense no que essas imagens querem mostrar, denunciar ou lembrar.

Agora, abra bem os olhos: o próximo passo é observar as obras com atenção e deixar que elas te façam pensar.

Fig. 44 - “Tatu atropelado”. Gau Luz. 2024, Cerâmica.









Fonte: https://ufsj.edu.br/pipaus/biblioteca_digital.php. Acesso em 20 de jun. de 2025.

# Sobre a Artista:
# Gau Luz

Gláucia Gusmão Luz atende pelo nome artístico Gau Luz. Pesquisadora, ilustradora e tatuadora, nasceu na cidade de São Paulo, em 1990, e hoje vive em Minas Gerais. Seu trabalho mistura arte, natureza e questões do corpo, sempre buscando formas de expressar ideias que envolvem o meio ambiente, os animais e a diversidade.

Fig. 45 - Gau Luz.



Fonte: http://lattes.cnpq.br/0371972421010201. Acesso em 20 de jun. de 2025.

Ela é mestre em Artes pela Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), onde pesquisou como as imagens podem ajudar na preservação da fauna. Também estudou História da Arte e Design Gráfico, e já publicou livros ilustrados.

Gau Luz é uma pessoa com deficiência, aos 11 anos ela descobriu que possuía escoliose idiopática juvenil, uma condição que afeta a curvatura da coluna vertebral, condição essa que se agravou ao ponto da artista precisar realizar uma cirurgia na coluna aos 22 anos. Essa experiência com o próprio corpo também aparece em sua arte, que valoriza diferentes formas de existir e sentir o mundo.

Por meio da arte, Gau Luz transforma as suas inquietações em obras que nos fazem pensar sobre a vida e sobre o nosso cuidado com o planeta Terra.

Informações baseadas no Currículo Lattes da artista. Disponível em: http://lattes.cnpq.br/0371972421010201. Acesso em 20 de jun. de 2025. E no depoimento da artista através de vídeo. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=cNm6RxkG8Hk . Acesso em 20 de jun. de 2025.

# Sobre a obra:

## “Tatu atropelado”



Fig. 46 - Fonte: https://ufsj.edu.br/pipaus/biblioteca_digital.php. Acesso em 20 de jun. de 2025.

A obra **“Tatu atropelado”**, feita em cerâmica pela artista Gau Luz, carrega uma mensagem forte e sensível sobre os impactos da ação humana na vida dos animais silvestres. O tatu representado na peça já apresentava uma rachadura em uma das patas antes mesmo de ser queimado no forno, o que é comum no processo da cerâmica.

Mas, em vez de tentar esconder esse dano, a artista optou por manter a separação das partes, sem colá-las. Essa escolha foi ntencional: o “defeito” passou a fazer parte da obra e da mensagem que ela carrega.

Durante a queima, o olho da peça também se soltou, mais um elemento que a artista decidiu manter. Assim, o corpo quebrado do tatu se transforma em símbolo: fala sobre atropelamentos de animais em rodovias, sobre a falta de corredores ecológicos e passagens de fauna, e sobre o abandono de políticas públicas que deveriam proteger esses seres.

A obra faz parte da pesquisa de Gau Luz sobre a conservação da fauna e nos convida a olhar com mais atenção para os rastros e pegadas que deixamos no mundo. Ao ver esse tatu ferido, somos convidados a refletir: quantas vidas estão sendo interrompidas pelas escolhas que fazemos todos os dias?

Informações baseadas na dissertação da artista. Disponível em: https://ufsj.edu.br/pipaus/biblioteca_digital.php. Acesso em 20 de jun. de 2025.

Fig. 47 - “Sem título”. Maria Lira Marques.  Sem data, Pigmentos de terra sobre papel, 37,5 x 50,5 cm (com moldura).



Fonte: https://amgaleria.com.br/maria-lira/. Acesso em 21 de jun. de 2025. Foto: SamuelMendes.com.

# Sobre a Artista:
# Maria Lira Marques

Fig. 48 - Maria Lira Marques.



Fonte: https://www.instagram.com/p/DEx4WCXyD7Q/?img_index=1. Acesso em 21 de jun. de 2025.

Maria Lira Marques nasceu em 1945, na cidade de Araçuaí, no Vale do Jequitinhonha, em Minas Gerais, onde vive e trabalha até hoje.

Maria Lira aprendeu a arte da modelagem desde pequena com a sua família e com as ceramistas da região. Mas, sua arte vai muito além da forma: ela transforma barro, pedras e terra em histórias sobre o sertão.

Em suas pinturas e esculturas, aparecem figuras humanas, bichos imaginários e cenas que lembram as pinturas rupes-tres feitas pelos povos antigos.

A artista se reconhece como mulher negra com descendência indígena, e essa ancestralidade está presente em sua obra, que é profundamente ligada à terra, à memória e à resistência. Ao longo da vida, ela também se tornou uma grande pesquisadora da cultura popular. Com Frei Chico, um padre holandês que virou seu parceiro de trabalho, ajudou a registrar cantigas, versos e tradições do povo do Vale. Juntos, criaram o coral Trovadores do Vale, que até hoje canta a vida e a história da região.

Além de artista e pesquisadora, Maria Lira é educadora. Ela fundou um museu em sua cidade e ensina outras pessoas a trabalhar com o barro e a reconhecer o valor das tradições locais.

Com suas mãos e sua voz, a artista preserva a memória e a identidade do seu povo e da sua região. Sua arte nos convida a olhar com mais atenção para o sertão, para a natureza e para as histórias dos nossos ancestrais.

Informações baseadas no texto publicado pela “Am Galeria de Arte”. Disponível em: https://amgaleria.com.br/maria-lira/. Acesso em 21 de jun. de 2025.

# Sobre a obra:

## “Sem título”



Fig. 49 - Fonte: https://amgaleria.com.br/maria-lira/. Acesso em 21 de jun. de 2025. Foto: SamuelMendes.com.

A obra **“Sem título”**, faz parte das pinturas que a artistas denomina como “Meus bichos do sertão”. Nas pinturas, ela cria figuras que parecem saídas de um tempo muito antigo ou de um mundo que só existe na imaginação.

São animais inventados, que lembram os desenhos feitos nas pedras pelos povos antigos e que carregam em si a força da natureza e das memórias do sertão. Esses bichos não têm nome, nem uma forma exata. Eles misturam características de diferentes animais, Lira diz que são “seus” bichos, porque nasceram da sua cabeça, da sua história, da sua terra.

A artista usa tintas feitas com diversos tipos de terra, obtendo diferentes tonalidades de cores que falam do solo, da paisagem e da vida daquele local.

Olhar para esses bichos é também olhar para as marcas da cultura afro-indígena, que Maria Lira carrega com orgulho. Essas pinturas falam de resistência, de pertencimento e de liberdade criativa.

Mais do que representar animais, Lira cria seres que nos convidam a imaginar, a lembrar e a refletir sobre o que a arte pode revelar da natureza e da história. Ao inventar seus bichos do sertão, Maria Lira guarda em suas obras a lembrança dos animais que fazem (ou faziam) parte das nossas vidas.

Mesmo sendo criações imaginárias, suas figuras carregam traços de espécies reais. Assim, sua arte se torna uma forma de preservar a memória da fauna, não apenas como registro visual, mas como expressão viva de um modo de existir que respeita, escuta e celebra a natureza. Em tempos de desaparecimento de espécies e degradação ambiental, esses bichos nos lembram que imaginar é também uma forma de cuidar e de manter vivas as histórias que a terra ainda tem para contar.

Informações baseadas no texto publicado pela “Am Galeria de Arte”. Disponível em: https://amgaleria.com.br/maria-lira/. Acesso em 21 de jun. de 2025.

# Imagens que denunciam: memórias que resistem

Ao longo desta seção, vimos que a vida dos animais está em risco e que as nossas ações têm impacto direto na sobrevivência das espécies. Preservar a natureza exige a conscientização sobre as nossas atitudes, e a arte é uma aliada nessa missão.

As obras de Gau Luz e Maria Lira Marques mostram que é possível falar de dor, luta e resistência por meio da arte. Ao retratar animais feridos, esquecidos ou imaginados, as artistas nos convidam a refletir sobre o que estamos perdendo e o que ainda podemos preservar, despertando um olhar mais atento para a fauna e para a forma como nos relacionamos com a natureza.

Agora, é a sua vez de transformar as suas ideias, memórias e sentimentos em arte.

- Você acha que os animais estão seguros vivendo no planeta do jeito que ele está hoje?

- Imagine que um animal da floresta veio te contar como está se sentindo. O que você acha que ele diria sobre a forma como os humanos tratam a natureza?

- Inspirado pela vida que existe e resiste em nosso planeta, quais histórias da fauna você quer contar?

Na seção “Refletindo e Criando”, você será convidado a contar histórias, fazer perguntas e propor mudanças através das suas criações artísticas.

A sua arte pode inspirar outras pessoas a cuidar melhor dos nossos animais!

## Tema-problema

# Vida terrestre: água potável



# Entre rios e canos: a história por trás da torneira

Quando você abre a torneira, a água jorra como se fosse mágica. Mas, você já se perguntou que caminho ela percorre até chegar na sua casa?

Ao longo das próximas páginas, vamos embarcar numa viagem curiosa e cheia de descobertas para entender de onde vem essa água tão preciosa, por onde ela passa e por que precisamos cuidar dela com muito carinho.

Vamos juntos descobrir a história por trás da torneira!

## Um planeta azul...mas, com sede?

Quando olhamos a Terra de longe, lá do espaço, ela parece uma bolinha azul. Isso acontece porque a maior parte do nosso planeta é coberta por água. São rios, lagos, mares e oceanos que brilham como um espelho gigante refletindo o Sol. Por isso, muitas pessoas chamam a Terra de Planeta Azul.

Mas, aqui vai uma curiosidade surpreendente: apesar de ter tanta água, só uma parte bem pequenininha dela é considerada potável, ou seja, pode ser consumida por nós.

Vamos fazer um jogo de imaginação?

Imagine que toda a água do planeta está dentro de um copo cheio de água. Desse copo, só duas colheres de sopa são de água doce. Dessas duas colheres, menos de uma gota é de água limpinha e pronta para beber.

Isso acontece porque:

- 97,5% da água do planeta é salgada, ou seja, está nos oceanos e não pode ser bebida.
- Apenas 2,5% é água doce.

A água doce no nosso planeta é encontrada da seguinte maneira:

- 77,2% são representados pela água no estado sólido, presente nas geleiras e calotas polares;
- 22,4% estão no estado líquido, reservadas no subsolo (aquíferos);
- 0,36% são encontrados nos lagos, rios e pântanos;
- 0,04% estão no estado de vapor, presente na atmosfera.

Agora pense bem: dependemos de uma parte muito pequena da água da Terra para beber, cozinhar, tomar banho, cuidar das plantas, lavar roupas e até para produzir os alimentos que comemos.

E o que acontece se a gente poluir ou desperdiçar essa água?

Bem, aí é que vem o problema: a água potável pode ficar escassa. Em muitos lugares, as pessoas já sofrem com a falta de água limpa. E isso não é justo, porque a água é um bem comum, é de todos e para todos.

## De onde vem a água que chega na sua casa?

Você já parou para pensar de onde vem a água que sai da sua torneira?

Antigamente, a água que abastecia Bauru era captada de um pequeno ribeirão chamado córrego Vargem Limpa. Mas, com o crescimento da cidade e o aumento da população, essa fonte não era mais suficiente para atender todo mundo. Então, o DAE (Departamento de Água e Esgoto, que é uma entidade da administração pública indireta responsável pela captação, tratamento e distribuição de água e tratamento do esgoto da nossa cidade) passou a captar água do Rio Batalha, que tem um volume maior e melhor capacidade de abastecimento.

Hoje, aproximadamente 38% da cidade de Bauru é abastecida pela água do Rio Batalha, sendo que o restante da cidade é abastecida pela água dos aquíferos Bauru e Guarani.

# Rio Batalha: a água que corre na superfície

O Rio Batalha nasce na Serra da Jacutinga, no município de Agudos, passa por Bauru e por outras cidades da nossa região até desaguar no Rio Tietê, no município de Uru.

O DAE retira parte da água desse rio usando bombas de sucção, que ficam numa lagoa de captação. A água retirada segue por adutoras até a Estação de Tratamento de Água (ETA), onde passa pelas seguintes etapas de tratamento:

- Floculação: sujeiras se juntam em flocos.
- Decantação: os flocos descem para o fundo.
- Filtração: a água passa por filtros especiais.
- Desinfecção: recebe cloro e flúor para garantir sua potabilidade.

Fig. 50 - Estação elevatória de captação de água do Córrego Vargem Limpa, registro de 1920.



Fonte: https://www.jardimbotanicobauru.com.br/nossa-historia. Acesso em 27 de jun. de 2025.

Fig. 51 - Estação de captação de água no Rio Batalha que substituiu o Vargem Limpa no abastecimento da cidade, registro de 1940.



Fonte: https://www.jardimbotanicobauru.com.br/nossa-historia. Acesso em 27 de jun. de 2025.

**Curiosidade:** Você sabia que o Rio Batalha tem esse nome por causa de antigas lutas que aconteceram nas suas margens?

Essas batalhas foram entre os colonizadores, que chegaram querendo ocupar e desmatar a região, e os indígenas Kaingangs, que já viviam nessas terras há muito tempo. O nome do rio carrega uma história importante e triste: a expulsão dos povos indígenas de suas próprias terras. Isso nos faz pensar que, embora a cidade tenha crescido, esse progresso não foi igual para todos, ele custou muitas vidas e apagou culturas. É importante lembrar dessas histórias para que possamos construir um futuro mais justo para todos.

## Aquíferos: a água que vem do subsolo

A maior parte da nossa cidade recebe a água captada de dois aquíferos: o Bauru e o Guarani. Esses aquíferos são como caixas-d'água gigantes, formadas pela infiltração da chuva no solo.

O DAE faz poços artesianos profundos para buscar essa água. Ela já vem bem limpinha, pois passou por muitas camadas de terra que funcionam como filtros naturais. Só precisa receber cloro antes de chegar nas nossas casas.

## E depois que usamos a água?

Depois que usamos a água em casa, ela vai embora pelos ralos. Mas, não desaparece! Ela vira esgoto, ou seja, água suja com sabão, gordura, restos de comida, fezes e urina. E se ela for jogada direto nos rios, pode causar:

- Doenças (as pessoas podem ficar doentes ao entrar em contato com a água poluída);
- Morte dos animais;
- Proliferação excessiva de algumas plantas aquáticas (o que também afeta o equilíbrio da natureza causando a morte de animais aquáticos como os peixes).

Infelizmente, nem todo esgoto é tratado antes de ser jogado nos rios. Isso é muito grave e injusto, pois afeta a natureza e as pessoas que vivem perto dos rios.

Em Bauru, uma parte do esgoto vai para a Estação de Tratamento de Esgoto Candeia (ETE Candeia) ou para a Estação de Tratamento de Esgoto Tibiriçá (ETE Tibiriçá), onde passa por várias etapas de limpeza antes de voltar para a natureza. Mas, ainda falta muito para que todo o esgoto gerado pela cidade seja tratado corretamente.

É por isso que precisamos cobrar das autoridades do poder público mais investimento no tratamento do esgoto e também fazer a nossa parte evitando o desperdício da água potável.

## O desmatamento também coloca nossa água em risco

Além da poluição causada pelos esgotos, outro inimigo da água é o desmatamento. Quando as árvores são derrubadas, principalmente as que ficam bem perto dos rios (a chamada mata ciliar), a terra fica desprotegida e pode ser levada para dentro dos rios através das chuvas. Chamamos esse processo de assoreamento: o rio vai enchendo de terra e perdendo a sua profundidade, o que afeta o equilíbrio do meio ambiente e as vidas que dependem das águas dos rios.

Sem as árvores, o solo também perde a capacidade de absorver a água da chuva, dificultando a recarga dos aquíferos. E mais: sem vegetação, o clima fica mais seco e as chuvas se tornam mais raras ou desreguladas.

Cuidar da flora é também cuidar da água. A natureza está toda conectada!

## Mas, nem todo mundo tem acesso à água limpa...

Mesmo a água sendo um direito de todos, muitas pessoas ainda não têm água potável em casa, nem banheiros ou esgoto tratado. Isso acontece principalmente em bairros mais pobres ou em regiões afastadas das cidades. É injusto que, enquanto alguns desperdiçam água lavando calçadas ou deixando a torneira aberta, outros lutam todos os dias por um copo de água limpa.

É por isso que precisamos valorizar cada gota.

A água que chega na nossa torneira passou por um longo caminho, pelos rios ou pelos aquíferos, pelas estações de tratamento, pelos encanamentos...e é nosso dever ajudar a cuidar dela evitando o desperdício e falando sobre isso para conscientizar outras pessoas.

Cuidar da água é cuidar das pessoas, dos rios, das plantas, dos animais e de todo o planeta.

Informações baseadas no texto de apoio para a visita ao Centro de Educação Ambiental Rio Batalha – DAE e do texto de estudo sobre a Estação de Tratamento de Esgoto (ETE) Candeia – Dr. Arlindo Marques Figueiredo. Programa de Educação Ambiental (PMEA).

## Tema-problema

# Vida terrestre: água potável

### Referências Artísticas

- (se)cura humana
- Uýra Sodoma

# Entre gotas e gestos: a arte em tempos poluídos

Depois de estudar sobre a água potável, sua importância, seu caminho até nossas casas, os problemas do saneamento e da poluição, é hora de olhar para ela com outros olhos: os olhos da arte.

Alguns artistas usam seus corpos, gestos e criações para falar sobre a água de maneiras diferentes. Vamos conhecer histórias que precisam ser ouvidas pelas obras dos artistas do Coletivo (se)cura humana e de Uýra Sodoma.

Ao observar as próximas obras, tente refletir:

- Que preocupações sobre a relação entre ser humano e natureza podem ser identificadas nessas produções?
- O que você sente ao ver essas cenas? Alguma coisa te incomoda? Te emociona?
- Você consegue perceber denúncias retratadas nas imagens?
- Como os artistas usam seus corpos ou elementos da natureza para se expressar?
- O que mais você vê?

Agora, respire fundo e observe cada detalhe das obras que virão a seguir, deixe que elas façam você pensar sobre a água, a cidade, a floresta e o mundo em que vivemos.

Fig. 52 - “Mergulho no Rio Guatá Porã” . Coletivo (se)cura humana.  2024,  Vídeo-performance.









Fonte: https://www.securahumana.com/post/mergulho-no-rio-guata-pora. Acesso em 03 de jul. de 2025.

**Assista o vídeo completo através do link: https://www.youtube.com/watch?v=MEuGNNObJpg&t=1s**

# Sobre o Coletivo de Artistas: (se)cura humana

Fig. 53 - (se) cura humana. Registro da performance realizada na abertura da Exposição "Onde há fumaça - Arte e emergência climática", 2024.




Fig. 53 - Fonte: https://www.securahumana.com/post/exposicao-onde-ha-fumaca. Acesso em 03 de jul. de 2025.

O (se)cura humana é um grupo de artistas, ambientalistas e pesquisadores que trabalham juntos unindo arte e ativismo socioambiental.

Sediado na cidade de São Paulo, o grupo foi fundado em 2015, por Flavio Barollo (videoartista e performer) e Wellington Tibério (geógrafo e músico), se expandindo na parceria colaborativa de outros artistas.

Desde o início, o grupo escolheu a água como tema principal para pensar sobre os problemas causados na cidade e na natureza.

Eles usam a arte para fazer as pessoas refletirem sobre como o crescimento das cidades, muitas vezes, causa injustiças e destruição ambiental.

Com o tempo, o grupo passou a estudar outros assuntos ligados ao meio ambiente, como o desmatamento das florestas, a poluição provocada pela mineração, o racismo ambiental (quando comunidades pobres ou negras são mais afetadas pela poluição e falta de serviços) e as mudanças no clima causadas pela ação humana.

Além de criar arte, o (se)cura humana também produz estudos e reflexões que ajudam a dar sentido ao que fazem. Eles utilizam várias linguagens artísticas, como performances, vídeos, musicais e instalações para transformar conhecimento em ação e provocar mudanças no mundo.

Informações baseadas na biografia do grupo disponibilizada no site: https://www.securahumana.com/sobre. Acesso em 03 de jul. de 2025.

# Sobre a obra:

## “Mergulho no Rio Guatá Porã”



Fig. 54 - Fonte: https://www.securahumana.com/post/mergulho-no-rio-guata-pora. Acesso em 03 de jul. de 2025.

Em 2024, o coletivo de artistas (se)cura humana criou a obra **“Mergulho no Rio Guatá Porã”**. Ela é uma vídeo-performance, ou seja, uma apresentação artística que foi gravada em vídeo e depois editada.

A performance aconteceu em um córrego poluído da cidade de Osasco (SP), que foi rebatizado pelos indígenas Guarani da Terra Jaraguá com o nome Rio Guatá Porã, que significa “O Bom Caminho” na língua guarani.

Na performance, os artistas mergulham no rio poluído enquanto, ao redor, outras pessoas fazem um piquenique como se tudo estivesse normal. Essa cena foi feita justamente para causar estranhamento e fazer a gente pensar: como é possível tratar com naturalidade a poluição dos nossos rios?

A obra foi criada durante uma residência artística, que consiste em um período de tempo em que artistas se reúnem em um local para estudar, trocar ideias e criar juntos. Essa residência, chamada “Cidades utópicas e (im)possíveis”, aconteceu em julho de 2024 e foi organizada pelo Sesc Osasco. O tema era o “Futuro Ancestral”, uma ideia do pensador indígena Aílton Krenak, que fala sobre imaginar o futuro respeitando a natureza e os saberes dos povos originários.

Depois da gravação, o vídeo passou por uma edição onde os artistas usaram inteligência artificial (IA) para transformar algumas cenas do rio, deixando a água parecendo cristalina e cheia de vida, como se o rio tivesse se regenerado. Essa mistura entre realidade e imaginação serve para mostrar como deveria ser o rio, em contraste com o que ele é hoje.

A obra é uma crítica à poluição dos rios e nos faz refletir sobre como tratamos a água no nosso dia a dia. Será que estamos cuidando bem dos nossos rios? O que podemos fazer para mudar essa realidade?

Informações baseadas no site do coletivo de artistas. Disponível em: https://www.securahumana.com/post/mergulho-no-rio-guata-pora. Acesso em 03 de jul. de 2025.

Fig. 55 - “Ensaio Caos” - Série Mil [quase] Mortos. Uýra Sodoma.  2018,  Fotoperformance.

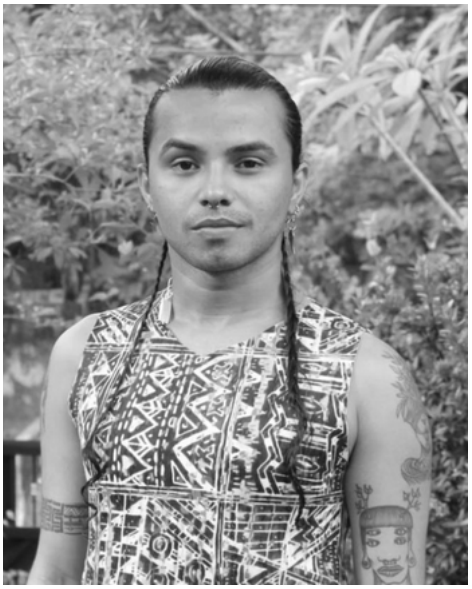


Fonte: https://www.premiopipa.com/uyra/ Acesso em 04 de jul. de 2025. Foto de Matheus Belém.

# Sobre a Artista:
# Uýra Sodoma

Uýra Sodoma é uma personagem criada pelo artista e biólogo Emerson Munduruku. Descendente de povos indígenas, Emerson nasceu na cidade de Santarém, no Pará, no ano de 1991 e atualmente mora em Manaus, no Amazonas, em uma região de floresta amazônica, mas que é cercada por indústrias.

Fig. 56 - Emerson Munuruku - Uýra Sodoma.



Fonte: https://www.premiopipa.com/uyra/. Acesso em 04 de jul. de 2025.

Uýra é chamada de “a árvore que anda”. Utilizando seu próprio corpo como forma de expressão, se transforma usando folhas, sementes, flores, conchas e galhos para se parecer com uma criatura da floresta que denuncia sérios problemas: o desmatamento, a poluição dos rios e igarapés, a destruição causada por grandes empresas e o abandono das populações que vivem próximas à floresta.

Além de artista, Emerson é mestre em Ecologia e dá aulas para comunidades ribeirinhas, ensinando como usar a arte para proteger os rios, as florestas e os modos de vida tradicionais. Ele acredita que a arte pode ser uma arma poderosa para lutar contra as injustiças que a natureza e os grupos minoritários sofrem.

A arte de Uýra mistura ciência, natureza e ancestralidade. Suas apresentações, chamadas de performances e fotoperformances, chamam a atenção para o contraste entre a natureza que resiste e a destruição que avança.

Informações baseadas na apresentação da artista para o Prêmio PIPA 2022. Disponível em: https://www.premiopipa.com/uyra/. Acesso em 04 de jul. de 2025.

# Sobre a obra:

## “Ensaio Caos” - Série Mil [quase] Mortos



Fig. 57 - Fonte: https://www.premiopipa.com/uyra/ Acesso em 04 de jul. de 2025. Foto de Matheus Belém.

Realizada em 2018, a obra **“Ensaio Caos”**, faz parte da série “Mil [Quase] Mortos”. A obra é uma fotoperformance, ou seja, uma performance registrada em fotos, e foi realizada em um lugar real: o Igarapé do Mindú, que fica na cidade de Manaus, bem no meio da floresta amazônica.

Manaus é uma cidade cheia de contrastes. Ela é moderna, com muitos prédios e tecnologia, mas ao mesmo tempo tem problemas sérios com o saneamento básico. Grande parte dos igarapés (riachos estreitos e rasos) que cortam a cidade estão poluídos, como é o caso do Mindú, que antigamente tinha águas limpas e era cheio de vida.

Na obra, Uýra aparece em meio a um cenário deprimente: lixo espalhado e água poluída. No olhos da artista, aparecem dois tipos de caracóis: um que só vive em águas limpas e outro, o caramujo africano, que foi trazido para o Brasil, se tornou uma espécie invasora e pode transmitir doenças. Na cabeça, Uýra usa folhas secas e plantas murchas, como um retrato da floresta que está adoecendo.

Com essa imagem forte, Uýra quer mostrar como a vida ainda resiste mesmo dentro do caos. Mesmo num lugar abandonado e poluído, ainda existem espécies que lutam para sobreviver. A escolha de um ponto central da cidade, onde muitas pessoas passam diariamente, foi feita para alertar sobre um problema que muita gente não se atenta: a destruição das águas.

A obra é um grito silencioso em forma de imagem. Ela nos faz refletir: será que estamos cuidando das águas da nossa cidade? Ou estamos deixando que fiquem invisíveis e quase mortas?

Informações baseadas no texto disponibilizado do site: https://select.art.br/uyra-sodoma-a-cobra-das-aguas-amazonicas-diante-da-degradacao-ambiental/. Acesso em 04 de jul. de 2025.

# Rios calados: vozes que criam

Ao longo dessa seção, aprendemos que a água é essencial para a vida, mas também é um recurso ameaçado. Vimos que nem todas as pessoas têm acesso à água limpa, que muitos rios estão poluídos e que as florestas, que ajudam a manter a água viva, estão sendo destruídas.

Também aprendemos que a arte pode ser um jeito poderoso de denunciar, proteger e imaginar outros futuros. As obras de Uýra Sodoma e do Coletivo (se)cura humana nos mostram que é possível usar o corpo, os gestos, as imagens e a tecnologia para falar sobre problemas sérios, como o descaso com a poluição dos rios e o racismo ambiental. Suas criações nos mostram que a arte pode ser resistência, memória e transformação.

Agora chegou a sua vez de criar.

- O que estamos naturalizando e que na verdade está fazendo mal para o nosso planeta?
- Como podemos proteger a vida em todas as suas formas?
- Que sentimentos e ideias as histórias que você ouviu aqui despertaram?
- O que você gostaria de dizer sobre a água que existe perto de você?

Na seção “Refletindo e Criando”, você será convidado a transformar ideias e sentimentos em arte. Você pode imaginar, denunciar, propor e inspirar.

A sua criação também pode fazer a diferença!

## Tema-problema

# Vida terrestre: resíduos sólidos



# Não existe “fora”: para onde vai o que a gente joga?

Você já parou para pensar o que acontece com o lixo depois que ele some da sua casa? Será que ele desaparece por mágica? Ou será que ele continua existindo em algum lugar?

Na verdade, todo o lixo que produzimos (embalagens, restos de comida, papéis, plásticos, brinquedos quebrados e tantas outras coisas) precisa ir para algum lugar, e se esse lugar não for adequado, pode causar muitos problemas.

Nessa seção, vamos refletir sobre o destino dos resíduos sólidos que produzimos e os impactos causados por eles na natureza.

Vamos juntos nessa descoberta?

## O lixo não desaparece, ele continua no nosso planeta

Quando jogamos algo no lixo, costumamos dizer que “jogamos fora”. Mas você já parou para pensar onde fica esse “fora”?

A verdade é que não existe “fora” quando se trata de lixo. Tudo o que descartamos continua existindo em algum lugar do planeta. Ele não desaparece, apenas muda de lugar.

Durante muito tempo, as cidades apenas levavam o lixo para áreas distantes, onde era despejado em grandes depósitos ou lixões. Isso criava a impressão de que o problema estava resolvido. No entanto, os resíduos continuavam acumulando-se em algum lugar da natureza.

Materiais como plástico, vidro e metal podem permanecer no ambiente por muito tempo. Alguns tipos de plástico, por exemplo, podem levar mais de 400 anos para se decompor.

Quando descartados de forma inadequada, os resíduos podem provocar diversos problemas, como:

- Contaminação do solo e da água;

- Poluição de rios e oceanos;
- Morte de animais;
- Entupimento de encanamentos;
- Aumento do risco de enchentes.

A preocupação com os problemas ambientais causados pela forma inadequada do descarte do lixo feita nos lixões os tornaram ilegais, sendo obrigação dos municípios a construção e o gerenciamento de aterros sanitários para o descarte correto dos resíduos.

Você sabe qual é a diferença entre aterro sanitário e lixão?

## Lixões

Os lixões são locais onde o lixo é depositado sem qualquer tipo de controle ou proteção ambiental. Geralmente ficam a céu aberto, com diferentes tipos de resíduos misturados: restos de comida, plásticos, vidro, animais mortos e até lixo hospitalar.

Esse tipo de descarte pode causar diversos problemas, por exemplo:

- Atrair animais que podem contrair e transmitir doenças, como os ratos, as moscas, as baratas e os escorpiões;
- Contaminar o solo e a água;
- Poluir do ar;
- Riscos à saúde das pessoas que vivem ou trabalham próximas desses locais.

## Aterros sanitários

Os aterros sanitários são estruturas planejadas para receber os resíduos

de forma mais controlada. Neles, o lixo é depositado em camadas e coberto com terra. Também são utilizadas lonas e sistemas de drenagem para evitar que o chorume (o líquido produzido pela decomposição do lixo) contamine o solo e a água. Também há sistemas para captar os gases poluentes que o lixo libera com o tempo.

Mas, mesmo com esses cuidados os aterros também causam impactos ambientais sérios e não são a melhor solução para os resíduos. Eles ocupam muito espaço, podem acontecer acidentes com vazamentos que contaminam o meio ambiente e, quando estão cheios, precisam ser fechados.

Além disso, quando o lixo vai direto para os lixões ou para os aterros, estamos desperdiçando materiais que poderiam ser reaproveitados. Por isso, precisamos olhar para os resíduos sólidos com mais atenção, reduzir a quantidade de lixo que produzimos e reciclar o máximo possível. Afinal, ele faz parte da nossa vida e pode influenciar a vida do planeta todo.

## Lixo ou resíduo sólido?

No dia a dia, costumamos chamar de lixo tudo aquilo que descartamos. Mas a palavra lixo pode provocar a ideia de que aquilo que jogamos fora não tem mais utilidade. Por isso, em estudos ambientais e em políticas públicas utiliza-se cada vez mais o termo resíduo sólido no lugar de lixo.

A diferença entre chamarmos de lixo ou de resíduo sólido está no modo como enxergamos esses materiais. Lixo costuma ser entendido como algo sem valor, que deve apenas ser jogado fora. Resíduo sólido, por outro lado, indica que aquele material ainda pode ter algum destino útil, como, por exemplo:

- Reciclagem;
- Reutilização;
- Compostagem;
- Reaproveitamento industrial.

Por exemplo: uma garrafa plástica pode ser reciclada; restos de alimentos podem virar adubo; latas de alumínio podem ser transformadas em novas embalagens.

Chamamos de resíduos sólidos todos os materiais descartados pelas atividades humanas que se apresentam em forma sólida. Eles podem surgir de diferentes lugares, como:

- Das casas (resíduos domésticos);
- Do comércio e dos serviços;
- Das indústrias;
- Das construções;
- Das atividades agrícolas.

No nosso cotidiano, produzimos principalmente resíduos domésticos, como: restos de alimentos; embalagens de plástico; latas de alumínio; garrafas de vidro; papéis e papelões.

Quando chamamos tudo de lixo, esquecemos que muitos desses materiais ainda podem voltar a ser utilizados. Por isso, compreender os resíduos como recursos em potencial é um passo importante para reduzir os impactos ambientais e cuidar melhor do planeta.

## Os resíduos sólidos não são iguais

Uma das formas mais importantes de lidar com os resíduos sólidos é entender que eles possuem características diferentes e, por isso, precisam de tratamentos distintos.

Entre os principais tipos estão:

### Resíduos recicláveis

São materiais que podem ser transformados em novos produtos por meio da reciclagem, como papel, plástico, vidro e metal.

### Resíduos orgânicos

São restos de origem natural, como cascas de frutas, restos de alimentos e folhas. Esses materiais podem ser transformados em adubo por meio da compostagem.

### Resíduos especiais

Incluem pilhas, baterias, eletrônicos e lâmpadas, que precisam de destinação específica por conter substâncias que podem contaminar o ambiente.

### Rejeitos

São materiais que não podem ser reciclados ou reaproveitados e precisam ser destinados aos aterros sanitários, por exemplo fralda suja e papel higiênico usado.

Quando todos esses materiais são misturados, torna-se muito mais difícil reaproveitá-los. Por isso, a separação correta é fundamental para reduzir os impactos ambientais.

## Um espaço para aprender sobre os resíduos: o Horto Florestal

Na cidade de Bauru, um dos espaços utilizados em atividades de educação ambiental é o Horto Florestal, uma área protegida que desempenha diferentes funções, como conservação ambiental, pesquisa científica, produção de mudas, lazer e educação ambiental.

Fig. 58 - Centro de Educação Ambiental do Horto Florestal de Bauru, 2022.



Fonte: https://www2.bauru.sp.gov.br/materia.aspx?n=41243. Acesso em 14 de jul. de 2025. Foto: Joabe Guaranha.

O Horto possui cerca de 43 hectares, com áreas de vegetação nativa da Mata Atlântica e do Cerrado, além de espécies exóticas. Atualmente, esse espaço contribui para a conservação da biodiversidade e para o desenvolvimento de atividades educativas voltadas à reflexão sobre o meio ambiente.

Historicamente, o Horto foi criado em 1928, com o objetivo de produzir mudas para projetos de reflorestamento no estado de São Paulo. Na época, a madeira também era utilizada como matéria-prima para abastecer locomotivas ferroviárias, o que demonstra a relação entre o desenvolvimento das cidades e o uso dos recursos naturais.

Hoje, o local funciona como um importante polo de educação ambiental, onde existe um EcoPonto Modelo que possibilita observar na prática como ocorre a separação e o encaminhamento de diferentes tipos de resíduos.

Nesse espaço, os visitantes podem aprender sobre:

- Coleta seletiva;
- Reciclagem;
- Compostagem de resíduos orgânicos;
- Destinação adequada de materiais.

Assim, o Horto Florestal se torna um lugar onde podemos observar, aprender e refletir sobre como nossas escolhas no dia a dia influenciam o meio ambiente.

Ao conhecer esse espaço, percebemos que cuidar dos resíduos também é uma forma de cuidar da natureza e da cidade onde vivemos.

## Reciclar, reutilizar, repensar: os Ecopontos

Fig. 59 - EcoPonto Modelo, Horto Florestal de Bauru.



Fonte: https://sites.bauru.sp.gov.br/hortoflorestal/cea. Acesso em 14 de jul. de 2025.

Para melhorar a gestão dos resíduos sólidos, muitas cidades criaram espaços específicos para o descarte correto de determinados materiais. Em Bauru, esses locais são chamados de Ecopontos.

Os Ecopontos são áreas públicas criadas pela Prefeitura, por meio da Secretaria Municipal do Meio Ambiente e Bem-Estar Animal, para receber pequenas quantidades de entulho e outros tipos de resíduos sólidos. Esses espaços ajudam a evitar o descarte irregular em ruas, terrenos baldios, rios ou áreas naturais.

Em Bauru, os Ecopontos funcionam de segunda-feira a sábado das 7h às 19h, e aos domingos e feriados das 8h às 16h, e atualmente são gerenciados pela ASCAM (Associação dos Catadores de Materiais Reciclados de Bauru e Região), que também realiza a coleta seletiva no município.

Nesses locais podem ser entregues materiais como: madeira, plástico, metal, vidro, papel, papelão, móveis, eletrodomésticos, pequenas quantidades de entulho de obras (até 1 m³), pneus, restos de poda e galhos em pequenos volumes.

Alguns resíduos não podem ser levados aos Ecopontos, como: grandes quantidades de entulho de construção, lixo doméstico comum (como, por exemplo, papel higiênico usado e fraldas usadas), resíduos hospitalares ou de serviços de saúde e resíduos industriais.

Quando os resíduos são levados aos Ecopontos, eles podem ser encaminhados para cooperativas de reciclagem ou para destinação ambientalmente adequada, contribuindo para reduzir a quantidade de lixo enviada aos aterros sanitários e evitando impactos ambientais.
Atualmente, a cidade de Bauru possui nove Ecopontos, distribuídos em diferentes bairros:

- Ecoponto Antônio Eufrásio de Toledo
  Rua Sorocabana, quadra 2

- Ecoponto Mary Dota
  Rua Américo Finazzi, quadra 4

- Ecoponto Jardim Redentor / Geisel
  Rua Noé Onofre Teixeira, quadra 3

- Ecoponto Pousada I
  Rua 41, quadra 1 – entre as ruas Joaquim Gonçalves Soriano (quadra 5) e Maurício Pereira de Lima

- Ecoponto Edson Francisco da Silva
  Rua Dulce Duarte Carrijo, quadra 4

- Ecoponto Parque Viaduto
  Rua Bernardino de Campos, quadra 28

- Ecoponto Engenheiro Octávio Rasi
  Rua Manoel Lopes Neves, quadra 1

- Ecoponto Santa Edwirges / Vânia Maria
  Rua Francisco do Rego Carranca, quadra 1

- Ecoponto Jardim Europa / Parque das Nações
  Rua Armando Pieroni, esquina com a Rua Barra Bonita

Fig. 60 - Ecoponto do Redentor/Geisel, 2020.




Fonte: https://www2.bauru.sp.gov.br/materia.aspx?n=36875. Acesso em 07 de mar. de 2026. Foto: Camila Ariosi.

Esses espaços ajudam a cidade a cuidar melhor dos resíduos e evitam que materiais sejam jogados em terrenos, ruas ou rios. Quando cada pessoa faz sua parte, separando os resíduos e levando-os aos lugares corretos, ajudamos a manter a cidade mais limpa, proteger a natureza e cuidar do planeta onde vivemos.

Você sabe se existe um Ecoponto perto da sua casa?

Converse com o seu professor ou com a sua família e descubra onde ele fica.

## O lixo também é uma questão de justiça

O problema dos resíduos sólidos não afeta apenas o meio ambiente. Ele também é um problema social. Muitas pessoas no Brasil vivem em locais próximos a lixões ou aterros sanitários e enfrentam condições difíceis. Algumas trabalham recolhendo materiais recicláveis em meio ao lixo, sem proteção ou segurança.

Felizmente, existem cooperativas de catadores e recicladores, formadas por pessoas que se organizam para fazer esse trabalho de forma mais segura e com mais dignidade. Essas cooperativas ajudam a transformar lixo em renda e são muito importantes para o funcionamento da reciclagem no Brasil.

Mas, o ideal é que todos nós façamos a nossa parte: produzindo menos lixo, separando corretamente os resíduos e valorizando o trabalho dessas pessoas. O cuidado com os resíduos sólidos é também um cuidado com a justiça e com a qualidade de vida de todos.

## Pequenas ações, grandes mudanças

A pergunta continua: para onde vai o que a gente joga?
A resposta depende de cada um de nós.

Podemos realizar ações no nosso dia a dia como:

- Evitar desperdícios;
- Reutilizar materiais e objetos;
- Separar corretamente os resíduos sólidos;
- Levar recicláveis ao EcoPonto;
- Falar sobre isso com outras pessoas para conscientizá-las também.

Cada resíduo que produzimos tem um destino. E cada escolha que fazemos tem uma consequência.

Se não existe “fora”, então o lixo é nosso, e é nossa a responsabilidade de dar a ele um destino melhor. Cuidar dos resíduos sólidos é cuidar do planeta.

## Tema-problema

# Vida terrestre: resíduos sólidos

### Referências Artísticas

- Eduardo Srur
- Vik Muniz

# Entre resíduos e retratos: a arte que fala do lixo e das pessoas

Depois de aprender sobre os resíduos sólidos, os impactos do consumo e o destino do lixo que produzimos, é hora de olhar para tudo isso com os olhos da arte.

Alguns artistas escolhem falar sobre o lixo de um jeito diferente: não com estatísticas ou gráficos, mas com imagens fortes, construídas a partir dos próprios resíduos, restos que a sociedade descarta, mas que guardam histórias e memórias.

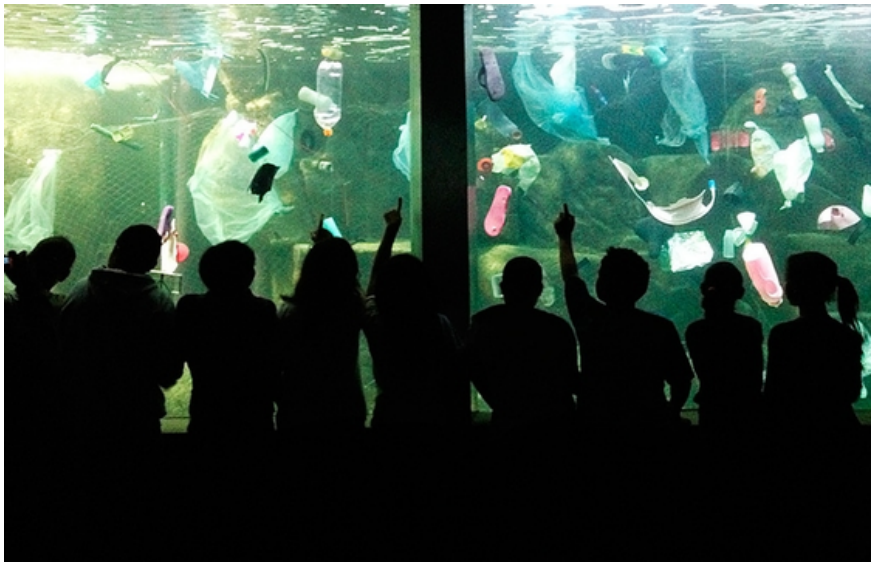
Vamos conhecer as obras de Eduardo Srur e Vik Muniz, artistas que transformam lixo em arte e fazem dele uma ferramenta de denúncia, reflexão e transformação.

Observe atentamente as obras a seguir e reflita:

- O que essas obras nos fazem pensar sobre o mundo em que foram criadas?
- De que maneira essas imagens nos fazem pensar sobre consumo, descarte e desigualdade?
- Você consegue enxergar beleza nas imagens? Por quê?
- Como a arte pode ajudar a mudar o mundo ou o modo como vivemos nele?
- O que mais você vê?

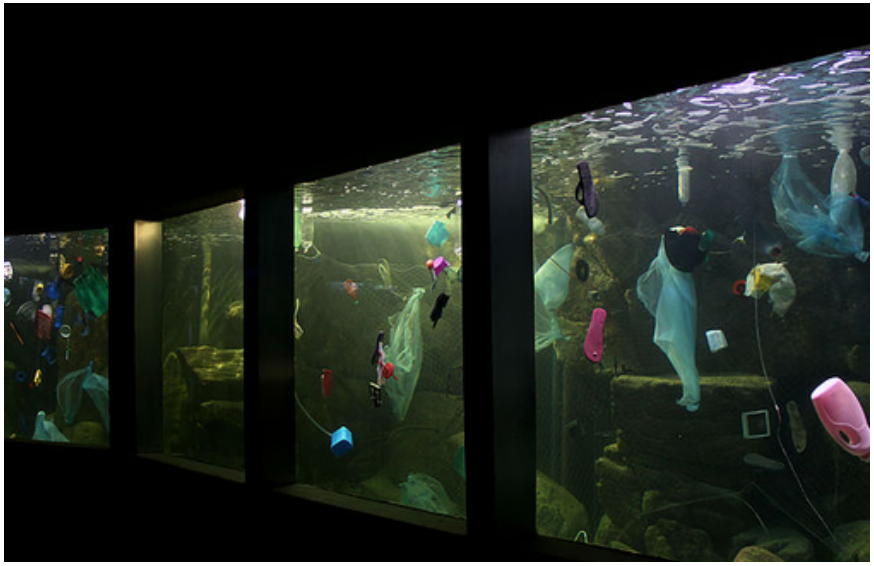
Agora, respire fundo, abra bem os olhos e observe os detalhes. Deixe que essas obras façam você repensar o lixo, as cidades, o meio ambiente e as vidas que muitas vezes insistimos em não ver.

Fig. 61 - “O Aquário Morto” . Eduardo Srur.  2014,  Intervenção no Acqua Mundo Guarujá. Materiais: rede de pesca, fio de nylon e lixo sólido recolhido na praia.









Fonte: https://www.eduardosrur.com.br/intervencoes/o-aquario-morto. Acesso em 18 de jul. de 2025.

# Sobre o Artista:
# Eduardo Srur

Fig. 62 - Eduardo Srur.



Fonte: https://www.eduardosrur.com.br/biografia. Acesso em 18 de jul. de 2025.

Eduardo Srur é um artista brasileiro que nasceu em 1974, na cidade de São Paulo, onde vive e trabalha até hoje. No início de sua carreira, ele se dedicava à pintura, mas foi nas intervenções urbanas que encontrou uma forma única de se expressar.

Srur acredita que a arte não deve ficar apenas dentro dos museus e das galerias. Para ele, a cidade é o lugar ideal para criar e provocar reflexões. Por isso, suas obras acontecem nos espaços públicos, como ruas, praças, rios, pontes e prédios. A cidade virou seu laboratório de experiências, onde ele cria obras que chamam a atenção de quem passa.

Um dos temas mais fortes do trabalho de Eduardo Srur é a crise ambiental. Para o artista, vivemos em um tempo marcado pelo consumo exagerado, pelos excessos e pelo descarte constante. Em vez de valorizar o que temos, jogamos fora o que ainda poderia ser aproveitado. Segundo ele, estamos cercados por sinais de um mundo em decomposição, e a arte pode ser uma forma de despertar as pessoas desse modo de viver.

Com suas obras, Eduardo Srur interrompe a pressa do dia a dia e nos convida a prestar atenção em coisas que ignoramos: o nosso lixo que invade a natureza, a vida sendo sufocada pelo descuido humano.

Informações baseadas na biografia disponibilizada no site do artista. Disponível em: https://www.eduardosrur.com.br/biografia. Acesso em 18 de jul. de 2025.

# Sobre a obra:

## “O Aquário Morto”

A intervenção **“O Aquário Morto”** aconteceu no Acqua Mundo, considerado o maior aquário da América do Sul, localizado na praia da Enseada, no Guarujá (SP). O artista Eduardo Srur em parceria com o Instituto EcoFaxina transformou a sala principal, com visão de 360°, em um grande alerta ambiental. O espaço foi dividido ao meio: de um lado, os visitantes continuavam a ver os animais marinhos em seu habitat aquático. Do outro, o tanque foi preenchido com lixo real, recolhido das praias da Baixada Santista por voluntários do Instituto EcoFaxina.



Fig. 63 - Fonte: https://www.eduardosrur.com.br/intervencoes/o-aquario-morto. Acesso em 18 de jul. de 2025.

Garrafas plásticas, latas, pedaços de isopor, brinquedos quebrados, redes de pesca e tantos outros objetos constituíram uma triste imagem do que se tornou o fundo do mar em muitos lugares do mundo. A exposição, segundo o Instituto EcoFaxina, poderia “levar até 1 milhão de anos para acabar”, já que muitos dos resíduos sólidos ali expostos demoram séculos para se decompor na natureza.

A ideia da obra é fazer o público enxergar uma realidade escondida: a de que o lixo que jogamos fora pode acabar no mar. E o mar, que antes era casa de tantas espécies, se transforma em depósito de tudo aquilo que descartamos sem pensar.

Ao colocar lado a lado o mundo marinho vivo e o mar sufocado pelo lixo, a exposição convida cada visitante a refletir sobre uma pergunta essencial:

Qual futuro escolhemos, a vida ou a morte da natureza?

Veja mais sobre a obra no vídeo disponível no link:
https://www.youtube.com/watch?v=v-KsxO_rQ98.

Informações baseadas no texto disponibilizado do site do artista : https://www.eduardosrur.com.br/intervencoes/o-aquario-morto. E na descrição do vídeo disponível no link: https://www.youtube.com/watch?v=v-KsxO_rQ98. Acesso em 18 de jul. de 2025.

Fig. 64 - “Marat (Sebastião)” Série Imagens do Lixo . Vik Muniz. 2008, Fotografia.



Fonte: https://aquatru.blogspot.com/2016/02/imagens-do-lixo.html. Acesso em 18 de jul. de 2025.

# Sobre o Artista:
# Vik Muniz

Vicente José de Oliveira Muniz nasceu em São Paulo, em 1961, e atende pelo nome artístico: Vik Muniz. Um dos artistas brasileiros mais reconhecidos no mundo, suas obras chamam a atenção não apenas pela beleza e criatividade, mas principalmente por nos fazerem pensar sobre o modo como vivemos, o que consumimos e o que descartamos.

Fig. 65 - Vik Muniz - Autorretrato em mosaico feito com recortes de revistas.



Fonte: https://arteref.com/arte-do-dia/vik-muniz-engajamento-social-atraves-de-uma-arte-inovadora/. Acesso em 18 de jul. de 2025.

Vik começou sua trajetória artística como desenhista e pintor, mas logo passou a explorar novas linguagens. Estudou publicidade em São Paulo, e depois se mudou para Nova York, onde vive e trabalha até hoje. Lá, mergulhou no universo da fotografia e das Artes Visuais, criando obras a partir de materiais pouco convencionais, como açúcar, chocolate, poeira e resíduos sólidos.

Ele ficou conhecido por transformar esses materiais em retratos e cenas que, vistos de longe, parecem fotografias comuns. Mas, ao se aproximar, o espectador percebe que as imagens são feitas com objetos inesperados, um convite à reflexão sobre o valor das coisas e o impacto dos nossos hábitos de consumo.

Informações baseadas no texto disponibilizado pela Enciclopédia Itaú Cultural. Disponível em: https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoas/2553-vik-muniz. Acesso em 18 de jul. de 2025.

Fig. 66 - "A Morte de Marat" de Jacques-Louis David, 1793.




Fonte: https://artout.com.br/a-morte-de-marat/. Acesso em 18 de jul. de 2025.

Fig. 67 - Sebastião: morte de Marat.



Fonte: https://www.gazetadopovo.com.br/caderno-g/brasil-sob-um-olhar-estrangeiro-4y6vutmw3dve1wsnad30qpidq/. Acesso em 18 de jul. de 2025.

Fig. 68 - "Marat (Sebastião)" Série Imagens do Lixo . Vik Muniz. 2008, Fotografia.



Fonte: https://aquatru.blogspot.com/2016/02/imagens-do-lixo.html. Acesso em 18 de jul. de 2025.

# Sobre a obra:

## "Marat (Sebastião)"

Antes de se tornar uma obra feita com resíduos sólidos no Brasil, a imagem de Marat na banheira já era conhecida na história da arte. Ela foi inspirada no quadro "A Morte de Marat", pintado em 1793 pelo artista francês Jacques-Louis David, durante um período chamado Revolução Francesa. Esse movimento transformou profundamente a sociedade francesa, ao lutar por liberdade, igualdade e fraternidade.

Jean-Paul Marat, retratado na pintura, era jornalista e proprietário do jornal "O Amigo do Povo", transformando-se em uma das principais vozes da Revolução. Por causa de uma doença de pele, passava grande parte do dia numa banheira que foi adaptada com uma tábua se transformando em escrivaninha, onde ele trabalhava. Foi ali que foi assassinado, dentro de sua casa. Ao pintar esse momento, Jacques-Louis David transformou Marat em um símbolo heroico, que se sacrificou pela luta por justiça.

Mais de dois séculos depois, o artista brasileiro Vik Muniz decidiu refazer essa imagem, agora com um novo personagem: Sebastião Carlos dos Santos, conhecido como Tião, catador de materiais recicláveis e presidente da associação de catadores que trabalhava no aterro sanitário de Jardim Gramacho, no Rio de Janeiro.

Tião não é um herói da Revolução Francesa, mas é um símbolo vivo da resistência contemporânea, alguém que, em meio ao lixo, lutava to-

dos os dias por respeito, dignidade e oportunidade para a sua comunidade. A nova obra, chamada **“Marat (Sebastião)”**, foi criada com resíduos sólidos coletados no aterro e faz parte da série Imagens do Lixo. O retrato foi montado em grande escala no chão de um galpão, onde a imagem fotográfica de Tião foi projetada. Os próprios catadores ajudaram a compor o desenho, preenchendo seus contornos com papelão, tampas, plásticos e latas recicladas. O resultado foi fotografado novamente de cima, transformando o que era lixo em arte.

Durante o processo, o artista percebeu a força daquela experiência coletiva e decidiu registrar tudo em um filme documentário, que ganhou o nome de Lixo Extraordinário. O filme mostra a trajetória dos catadores, os bastidores das obras e o impacto que a arte causou na vida de todos os envolvidos. A obra de Tião foi leiloada em Londres e arrecadou cerca de R$ 100 mil, revertidos para a associação dos catadores. O documentário foi indicado ao Oscar e mostrou ao mundo que o trabalho dos catadores é essencial para o meio ambiente e para a sociedade.

O cenário onde tudo aconteceu, o aterro sanitário de Jardim Gramacho, funcionou por mais de trinta anos e chegou a receber quase 10 mil toneladas de lixo por dia. Localizado ao lado de um manguezal, o aterro causou sérios danos ambientais, com vazamentos de chorume que contaminavam o solo e as águas da Baía de Guanabara. Além disso, abrigava milhares de pessoas que viviam da coleta de recicláveis, muitas vezes em condições precárias. O aterro foi fechado em 2012.

Com a obra “Marat (Sebastião)”, o artista uniu história, arte, crítica social e meio ambiente. Sua criação nos convida a refletir sobre quem são os verdadeiros heróis do nosso tempo e nos ensina a enxergar, com novos olhos, aquilo que costumamos ignorar.

A arte de Vik Muniz nos ensina que até o que parece não ter mais valor pode se transformar em algo extraordinário. E que ver o mundo com outros olhos é o primeiro passo para mudá-lo.

Informações baseadas no filme “Lixo Extraordinário. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=61eudaWpWb8. Acesso em 18 de jul. de 2025.

# Vestígios do mundo que construímos: o que o lixo diz sobre nós

Nessa seção, aprendemos que o lixo não some, ele apenas muda de lugar. Por trás de cada embalagem descartada, há uma história de consumo, produção e impacto socioambiental. Refletimos sobre a importância de repensar nossos hábitos, mas também de cobrar ações coletivas e políticas públicas que respeitem o meio ambiente e garantam dignidade a todos. Afinal, lidar com o lixo não é apenas separar o reciclável, é enxergar o mundo de maneira mais consciente, solidária e responsável.

Também vimos que a arte pode ser uma forma de dar visibilidade ao que costumamos ignorar. As obras de Eduardo Srur e Vik Muniz mostraram que até mesmo o lixo pode trazer histórias, memórias e denúncias. Eles nos ajudaram a olhar de outro jeito para o que está ao nosso redor e a sentir, pensar e questionar.

Agora, é a sua vez de agir.

- Quais objetos, ideias ou sentimentos você gostaria de transformar em arte?
- Como você se relaciona com os resíduos sólidos ao seu redor?
- O que você gostaria de dizer ao mundo sobre isso que aprendemos aqui?

Na seção “Refletindo e Criando”, você será convidado a usar sua imaginação para propor, provocar e criar. Porque cada gesto, cada obra, cada palavra pode ser o começo de uma mudança.

Você está pronto?
Vamos lá. A arte também está em suas mãos!

# Refletindo e criando



# Arte para cuidar do planeta: a missão do artista-pesquisador

Você já percebeu como aprender algo novo pode ser o começo de uma grande aventura?

Agora que você chegou até aqui, está pronto para dar mais um passo importante: transformar tudo o que descobriu e aprendeu em uma obra de arte cheia de significado. Mas, antes de colocar a mão na massa, que tal caminhar um pouco mais com a imaginação e com a pesquisa?

Nessa seção, você vai encontrar um guia que vai te ajudar a pensar, planejar e criar uma obra de arte através das suas pesquisas e estudos.

Vamos juntos nessa jornada?

Pegue a sua curiosidade e prepare-se para dar vida às suas ideias!

## Planejando sua obra de arte

**1. Escolha um Tema**

Antes de chegar até aqui, você e sua turma passaram por algumas temáticas. Em acordo como seu professor, escolha uma delas:


Nosso espaço: Planeta Terra


A exploração da Terra: o progresso e a destruição


Nossa história: destruição e preservação


Vida terrestre: flora


Vida terrestre: fauna


Vida terrestre: água potável


Vida terrestre: resíduos sólido

**2 - Reflita**

Antes de criar sua obra, é importante explorar mais sobre os temas que estudamos. Pense em tudo o que aprendeu com esse livro e reflita sobre o tema que você escolheu ou o que o seu professor indicou para você estudar:



O que mais chamou a sua atenção nesse tema?

**3 - Questione e explore**

Toda boa investigação começa com uma pergunta!



Por que esse assunto chamou a sua atenção?



Você sabe mais alguma coisa sobre isso?

Pense sobre as suas respostas e elabore uma pergunta para você explorar mais o tema.

Para criar uma boa pergunta de pesquisa, pense em algo que desperte a sua curiosidade e que você ainda não saiba a resposta completa. Comece observando tudo o que você descobriu nas suas anotações e tente perceber algo que você ainda não sabe sobre esse assunto. Por exemplo, se o que mais chamou a sua atenção foi o fato de que há muito lixo nas ruas do seu bairro e você não sabe o por quê. Então, a sua pergunta pode ser: “Por que as pessoas jogam lixo nas ruas?”.

Uma boa pergunta é aquela que faz você querer saber mais e que pode ajudar outras pessoas a refletirem também.

Lembre-se: quanto mais interessante e importante for sua pergunta, mais legal será o caminho para encontrar as respostas e criar sua obra de arte.

**4 - Investigue**

Leve a sua pergunta para casa e explore ainda mais esse tema. Você pode pesquisar:

- Conversando com familiares, amigos e conhecidos sobre o que eles sabem desse assunto.

- Observando o mundo ao seu redor e percebendo como esse tema está presente no seu dia a dia.
- Busque informações em livros, sites confiáveis ou documentários (com ajuda de um adulto).
- Procure informações sobre artistas que já trabalharam com essa ideia.
- Anote todas as suas descobertas, sentimentos e reflexões.

**5 - Compartilhe e discuta**

Depois de investigar e pensar na sua pergunta de pesquisa, é hora de dividir suas descobertas com os seus colegas de classe e professores. A conversa na sala de aula é uma etapa muito importante, porque quando compartilhamos nossas ideias, podemos enxergar novas possibilidades que antes não tínhamos pensado.

Ao apresentar sua pergunta e as respostas que encontrou, escute com atenção o que os outros têm a dizer. Cada pessoa tem uma maneira diferente de ver o mundo e isso pode enriquecer muito o seu trabalho. Talvez um colega tenha observado um problema parecido com o seu ou saiba de algo interessante que você ainda não conhece.

Essa troca de ideias ajuda você a entender melhor o tema e até mesmo a mudar ou melhorar a sua pergunta e as suas reflexões. Além disso, discutir em grupo faz com que todos aprendam juntos, trabalhando em equipe, e respeitando as opiniões e aprendizados dos outros.

Por isso, leve suas anotações para a sala de aula e participe das discussões. Aproveite esse momento para ouvir, questionar, sugerir e refletir com o grupo. Lembre-se: grandes ideias surgem quando as pessoas pensam juntas.

**6 - Construa uma conclusão**

Agora que você já pesquisou, conversou com outras pessoas e discutiu com seus colegas, é hora de pensar: o que eu aprendi com tudo isso?

Construir uma conclusão significa reunir as informações mais importantes que você descobriu e formar uma opinião ou um pensamento sobre o tema que escolheu.

Para te ajudar, pense nas seguintes perguntas:

- O que mais te surpreendeu durante a pesquisa?
- O que você achou mais importante sobre esse assunto?
- Existe algo que você não sabia antes e que agora entendeu melhor?
- Como tudo isso pode ajudar a cuidar melhor do planeta ou da minha cidade?

Sua conclusão é como uma mensagem final que você quer registrar e divulgar. Ela deve mostrar o que você acredita ser essencial sobre o problema que estudou. Por exemplo: se sua pesquisa foi sobre a poluição dos rios, talvez sua conclusão seja algo como: “Precisamos proteger os rios da nossa cidade para garantir água limpa para todos e preservar a vida dos animais que vivem ali”.

Lembre-se: sua conclusão não precisa ser uma “resposta perfeita” para o problema, mas sim uma ideia que mostre o que aprendeu e o que deseja compartilhar com os outros. Essa conclusão será o coração da sua obra de arte, pois é ela que vai guiar a sua criação.

**7 - Transforme em arte**

Agora que você tem sua conclusão pronta, chegou a hora de transformar tudo o que você descobriu e aprendeu em uma obra de arte.

Mas como fazer isso?

Como transformar ideias e palavras em formas, cores, linhas e texturas?

As Artes Visuais são uma linguagem diferente da escrita ou da fala. Em vez de explicar com palavras, você vai se comunicar com imagens. Por isso, é importante pensar: como eu posso expressar a minha ideia sem usar frases, mas usando elementos visuais?

Vamos pensar:

- Qual é a sua mensagem principal?

Volte na frase que você criou na sua conclusão. O que você quer que as pessoas sintam ou entendam ao ver sua obra?

Use esboços para planejar sua obra e para te ajudar a pensar na composição da sua obra.

Mas, o que é um esboço?

Esboço é como um rascunho, um desenho simples e rápido que serve para organizar as suas ideias e testar como sua arte vai ficar.

O esboço não precisa ser bonito ou cheio de detalhes, ele é como um mapa que ajuda a planejar as formas principais da sua obra e a posição dos elementos (como, por exemplo, em qual parte da obra ficarão posicionadas as pessoas, árvores, animais ou objetos).

Você também pode fazer quantos esboços quiser, assim, você consegue testar as suas ideias e experimentar diferentes jeitos de montar a sua obra antes de começar o trabalho final.

E sabe o que é mais legal?

O esboço não serve só para quem vai desenhar ou pintar. Mesmo que você queira fazer uma escultura, uma colagem ou até uma instalação artística, o esboço pode te ajudar a imaginar como sua criação vai ficar depois de pronta.

Por exemplo:

- Se você vai montar uma colagem, pode desenhar no esboço onde vai colar cada figura.
- Se for criar uma escultura, pode fazer um esboço para pensar na forma geral e em quais partes serão mais altas ou mais largas.
- Se sua ideia é criar uma instalação artística, o esboço ajuda a planejar como será a divisão do espaço, quais objetos terão mais destaque e qual a melhor organização dos elementos de acordo com o que você quer expressar.

Lembre-se: o mais importante é que a sua obra deve mostrar as suas ideias, os seus sentimentos e o que você aprendeu durante a sua pesquisa.

**8 - Escolha os materiais e as técnicas**

Agora que você já planejou a sua ideia e fez os seus esboços, é hora de decidir como e com o quê você vai criar a sua obra de arte. A escolha dos

materiais e das técnicas é muito importante, porque cada combinação vai deixar a sua criação com um estilo e uma sensação diferente.



O que são materiais?

Materiais são os “ingredientes” da sua obra, aquilo que você vai usar para construir a sua ideia. Eles podem ser:

- Papéis (por exemplo: papel sulfite, cartolina, papel pardo, papelão ou papel reciclado);
- Tintas (por exemplo: guache, aquarela ou tintas feitas com pigmentos naturais como terra ou alimentos);
- Lápis de cor, giz de cera e canetinhas;
- Tecidos, barbantes e linhas;
- Massinha de modelar, papel machê e argila;
- Materiais da natureza (por exemplo: folhas secas, sementes, galhos ou pedras);
- Materiais reciclados (por exemplo: tampinhas, embalagens vazias e limpas, caixas vazias e objetos antigos que não são mais usados e seriam descartados).



O que são técnicas?

Técnicas são as maneiras de usar esses materiais para dar vida à sua arte. Algumas das técnicas mais usadas nas artes visuais são:

- Desenho: usar riscadores como lápis, carvão ou canetinhas para criar imagens em uma superfície, como, por exemplo, no papel ou no tecido.
- Pintura: utilizar pigmentos líquidos, como, por exemplo, tinta guache ou tintas naturais para colorir uma superfície, que pode ser papel ou outro material da sua escolha.
- Colagem: juntar e colar pedaços de papel, tecido ou outros materiais para compor uma imagem.
- Escultura e modelagem: criar formas em três dimensões que podem ser compostas por materiais como argila, papel machê, massinha de modelar ou até mesmo objetos reciclados.

- Mista: combinar várias dessas técnicas, como, por exemplo, fazer uma pintura e depois colar folhas ou pedaços de tecido.



Como escolher?

Pense na mensagem que você quer divulgar e no estilo que mais combina com ela. Por exemplo:

- Se sua ideia é mostrar a importância da preservação da natureza, talvez usar materiais naturais torne sua arte ainda mais significativa.
- Se você quer fazer uma crítica aos danos causados à natureza, pode potencializar a sua ideia utilizando materiais elaborados pelo ser humano e que podem se tornar poluentes se forem descartados de maneira errada.

Para ajudar nas suas escolhas, pense também nos elementos visuais que farão parte do seu trabalho.

- As cores: que cores combinam com o sentimento que você quer expressar? Se é algo alegre e positivo, talvez combine com cores vivas e vibrantes. Se é um alerta ou preocupação, analise as combinações das cores escuras ou contrastes fortes.
- As formas: Pense nas formas mais adequadas para expressar a sua ideia. Qual o tipo de sentimento as formas suaves e arredondadas despertam em você? E as formas pontiagudas e irregulares? Partindo dos seus sentimentos, escolha as formas que mais representam a sua ideia.
- As texturas: As texturas ajudam a criar sensações e tornar a imagem mais interessante. Com elas conseguimos fazer com que as pessoas sintam, com os olhos, o que estamos querendo mostrar. Por exemplo, podemos causar a ideia de que algo é macio, áspero, leve ou pesado. Essas sensações podem nos ajudar a transmitir nossas ideias com mais detalhes na obra.

Lembre-se: não existe um jeito certo de criar. Teste, misture, invente! Às vezes, ao experimentar diferentes materiais e técnicas, você descobre um caminho ainda mais criativo para expressar sua ideia.

**9 - Crie a sua obra**

Agora chegou o momento de colocar tudo em prática: é hora de criar a sua obra de arte! Essa é a etapa em que você vai transformar sua pesquisa, suas ideias e seus esboços em uma obra única, feita por você.

Lembre-se do que planejou até aqui: a mensagem que quer transmitir, os elementos visuais que mais combinam com as suas ideias, os materiais que escolheu e as técnicas que decidiu usar.

Mas, fique tranquilo!

Na hora de criar, você também pode fazer mudanças, experimentar novas soluções ou até descobrir outras ideias enquanto trabalha. Isso é normal e faz parte do processo criativo dos artistas.

Durante a criação, pense em:

- Seguir seu planejamento, mas deixar a criatividade fluir. Se surgir uma ideia nova, teste! Às vezes, improvisar traz resultados incríveis.
- Cuidar dos detalhes da sua obra. A posição dos elementos está como você imaginou? As cores e texturas estão te ajudando a expressar o que você quer?
- Ter paciência com o processo. Criar uma obra leva tempo e atenção. Às vezes, é preciso fazer pausas, observar de longe e depois voltar com novas ideias ou mais energia.
- Manter a intenção da sua mensagem. Enquanto cria, pergunte a si mesmo: “Minha obra está transmitindo o que eu quero dizer?”

Dicas valiosas:

- Não tenha medo de errar! Se algo não sair como você pensou, tente transformar em parte da sua arte ou experimente outra solução.
- Faça testes antes de decidir. Por exemplo, teste as cores em um outro papel antes de usá-las na sua obra ou experimente encaixar as figuras nos lugares planejados e analisar como fica antes de colar para finalizar.
- Se precisar, volte aos esboços para se guiar.

Lembre-se: artistas também aprendem enquanto criam. A cada pincelada, recorte ou modelagem, você está descobrindo algo novo sobre si mesmo e sobre a sua arte.

**10 - Compartilhe e reflita**

Depois de todo o seu trabalho criativo, é hora de compartilhar sua obra com outras pessoas. Apresentar sua criação é uma parte muito especial do processo, pois é nesse momento que a sua obra de arte vai alcançar o olhar e a percepção das outras pessoas.

Junto com o seu professor e com a sua turma, combinem a melhor forma de apresentar a sua obra. Pode ser em uma exposição ou mostra cultural na escola, ou mesmo socializando o que você criou com os seus colegas de classe.

Converse com as pessoas que estão apreciando a sua obra, escute com atenção o que elas acharam. Cada opinião pode trazer uma nova ideia ou uma nova maneira de ver a sua própria obra. A troca de ideias enriquece o olhar artístico e amplia a sua visão sobre o tema. Aproveite também para contar para as pessoas qual foi a inspiração para a sua criação, como todo o seu estudo virou arte.

Depois de compartilhar a sua obra e as suas ideias, e ouvir a interpretação das outras pessoas, é hora de refletir.



Por que refletir?

Refletir é pensar sobre tudo o que você viveu e aprendeu nesse processo. A arte não termina quando a obra está pronta; ela continua quando você para e pensa no que fez, no quanto você aprendeu elaborando a sua obra e no quanto as outras pessoas irão aprender ao observar ela.

Aqui estão algumas perguntas para te ajudar na sua reflexão:

- O que eu aprendi enquanto criava a minha obra?
- O que foi mais fácil e o que foi mais difícil nesse processo?
- Como posso continuar ajudando o planeta depois dessa experiência?

A reflexão faz parte do ser artista.

Todo artista reflete sobre o seu próprio trabalho, porque isso faz com que ele aprenda e descubra novas formas de criar no futuro.

A arte é só o começo! Para criar a sua obra, você aprendeu muito sobre

os problemas causados ao meio ambiente, seus estudos e sua arte devem inspirar as suas próximas ações no dia a dia.

Lembre-se: o mais importante é que a sua obra mostre as suas ideias, sentimentos e o que você aprendeu durante a sua pesquisa. Cada artista tem um jeito único de se expressar, e a sua criação será especial justamente porque é a sua forma de ver e sentir o mundo. O importante é que você se sinta satisfeito e orgulhoso do que criou e aprendeu, sabendo que sua arte tem o poder de transmitir uma mensagem e fazer as pessoas pensarem junto com você.

**Parabéns, artista-pesquisador!**

Você chegou até aqui e viveu uma jornada cheia de descobertas, criatividade e reflexões importantes. Ao longo deste caminho, você investigou o mundo, fez perguntas curiosas, pensou em soluções e transformou tudo isso em arte.

Saiba que cada linha que você desenhou, cada cor que escolheu e cada detalhe da sua obra tem um pedacinho da sua história e da sua maneira única de ver o mundo. E isso é o mais especial de tudo!

Mas, essa aventura não termina com a sua obra de arte: ela continua toda vez que você observa o mundo com atenção, faz novas perguntas e usa sua criatividade para expressar ideias e cuidar do nosso planeta.

O mundo precisa de pessoas como você, que observam, que se importam e que criam soluções para melhorar as nossas ações. Continue sempre aprendendo, investigando e usando a arte para transformar o que está ao seu redor.

Lembre-se: você é um artista capaz de inspirar mudanças e de fazer a diferença.

Nos vemos na sua próxima criação!

“ Se a Terra adoecer, nós adoecemos junto. Não tem jeito de sermos pessoas saudáveis com o planeta todo quebrado”.

Ailton Krenak

# Referências



# Referências

BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da Arte:** anos 1980 e novos tempos. 4º ed. São Paulo: Perspectiva, 1999.

BAURU. **Programa Municipal de Educação Ambiental.** Bauru, 2017.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Transgressão e mudança na educação** – Os projetos de trabalho. Porto Alegre: ARTMED, 1998.

SAGAN, Carl. **Pálido ponto azul:** uma visão do futuro da humanidade no espaço. Companhia das Letras, 2019.

“Olhem de novo esse ponto. É aqui, é a nossa casa, somos nós. Nele, todos a quem ama, todos a quem conhece, qualquer um sobre quem você ouviu falar, cada ser humano que já existiu, viveram as suas vidas. O conjunto da nossa alegria e nosso sofrimento, milhares de religiões, ideologias e doutrinas econômicas confiantes, cada caçador e coletor, cada herói e covarde, cada criador e destruidor da civilização, cada rei e camponês, cada jovem casal de namorados, cada mãe e pai, criança cheia de esperança, inventor e explorador, cada professor de ética, cada político corrupto, cada "superestrela", cada "líder supremo", cada santo e pecador na história da nossa espécie viveu ali - em um grão de pó suspenso num raio de sol. A Terra é um cenário muito pequeno numa vasta arena cósmica. Pense nos rios de sangue derramados por todos aqueles generais e imperadores, para que, na sua glória e triunfo, pudessem ser senhores momentâneos de uma fração de um ponto. Pense nas crueldades sem fim infligidas pelos moradores de um canto deste pixel aos praticamente indistinguíveis moradores de algum outro canto, quão frequentes seus desentendimentos, quão ávidos de matar uns aos outros, quão veementes os seus ódios. As nossas posturas, a nossa suposta auto importância, a ilusão de termos qualquer posição de privilégio no Universo, são desafiadas por este pontinho de luz pálida. O nosso planeta é um grão solitário na imensa escuridão cósmica que nos cerca. Na nossa obscuridade, em toda esta vastidão, não há indícios de que vá chegar ajuda de outro lugar para nos salvar de nós próprios. A Terra é o único mundo conhecido, até hoje, que abriga vida. Não há outro lugar, pelo menos no futuro próximo, para onde a nossa espécie possa emigrar. Visitar, sim. Assentar-se, ainda não. Gostemos ou não, a Terra é onde temos de ficar por enquanto. Já foi dito que astronomia é uma experiência de humildade e criadora de caráter. Não há, talvez, melhor demonstração da tola presunção humana do que esta imagem distante do nosso minúsculo mundo. Para mim, destaca a nossa responsabilidade de sermos mais amáveis uns com os outros, e para preservarmos e protegermos o "pálido ponto azul", o único lar que conhecemos até hoje”.

Carl Sagan, 1994.

Trecho do livro: “Pálido Ponto Azul: Uma Visão do Futuro da Humanidade no Espaço”, publicado em 1994. Esse trecho ficou mundialmente conhecido após Sagan refletir sobre a famosa fotografia da Terra feita pela sonda Voyager 1 em 1990, a mais de 6 bilhões de quilômetros de distância, onde o planeta aparece como um minúsculo ponto suspenso num raio de luz solar, o “Pálido Ponto Azul”.